

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL - NOTURNO**

Angélica Regina Schmengler

**ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO:
PROBLEMATIZAÇÕES A RESPEITO DO NÚMERO DE
MATRÍCULAS NO MUNICÍPIO DE AGUDO/RS**

**Santa Maria, RS, Brasil
2018**

Angélica Regina Schmengler

**ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: PROBLEMATIZAÇÕES A RESPEITO
DO NÚMERO DE MATRÍCULAS NO MUNICÍPIO DE AGUDO/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de
Licenciatura em Educação
Especial, da Universidade Federal
de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito parcial para
obtenção do título de **Licenciada
em Educação Especial**.

Orientadora: Prof^a Dr^a Tatiane Negrini

Santa Maria, RS, 2018

Angélica Regina Schmengler

ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: PROBLEMATIZAÇÕES A RESPEITO DO NÚMERO DE MATRÍCULAS NO MUNICÍPIO DE AGUDO/RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Especial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Licenciada em Educação Especial**.

Aprovada em 10 de dezembro de 2018:

Dra Tatiane Negrini (UFSM)
(presidente/orientador)

Dra. Leandra Costa da Costa (UFSM)

Dra. Nara Joyce Wellausen Vieira (UFSM)

Dra. Sílvia Maria de Oliveira Pavão (UFSM - suplente)

Santa Maria, RS,
2018

RESUMO

ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: PROBLEMATIZAÇÕES A RESPEITO DO NÚMERO DE MATRÍCULAS NO MUNICÍPIO DE AGUDO/RS

AUTORA: Angélica Regina Schmengler

ORIENTADORA: Tatiane Negrini

Este Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Especial Noturno da Universidade Federal de Santa Maria disserta sobre a temática das Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), a qual precisa ser divulgada para que um número maior de profissionais da educação possa conhecê-la, a fim de promover a inclusão desse alunado. No que se refere a esse assunto, muitas são as dúvidas e questionamentos sobre quem são esses sujeitos, o que pode prejudicar na identificação e atendimento desses alunos. Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa consistiu em problematizar o Atendimento Educacional ao aluno com Altas Habilidades/Superdotação no município de Agudo a partir do mapeamento de matrículas na rede municipal e estadual de educação. Como metodologia, essa escrita é delimitada como qualitativa, do tipo estudo de caso, tendo como instrumento de coleta de dados entrevista semiestruturada com as Educadoras Especiais atuantes no município e informações prestadas, via e-mail, pelas Coordenadorias Municipal e Estadual de Educação da referida cidade. Devido às experiências pessoais e profissionais vivenciadas nessa localidade pela pesquisadora deste trabalho, em que não se constatou a matrícula de alunos com AH/SD na maior escola da rede municipal de ensino, estruturaram-se questionamentos que suscitaram o desejo de pesquisar nessa realidade. Para embasar a produção, recorreu-se a autores que dissertam sobre o assunto (RENZULLI; REIS, 1997; RENZULLI, 2004; 2014; VIRGOLIM, 2007; FREITAS; PÉREZ, 2009, 2014, 2016; FLEITH, 2007, 2014), bem como políticas públicas nacionais que garantem o direito desse público (BRASIL, 2008). Assim, os dados encontrados foram analisados por meio da análise qualitativa e apontaram aspectos relevantes para compreender as informações disponibilizadas pelas Coordenadorias e as prestadas pelas Educadoras Especiais que participaram das entrevistas. Por meio das entrevistas, foram apontados três alunos identificados com AH/SD e seis que estão sendo observados e passando por esse processo de identificação. Constatou-se que a falta de conhecimentos dos profissionais da educação é um dos fatores principais para o baixo número de alunos identificados e em processo de identificação no município. Também, foram apontadas a necessidade de formação de professores, diálogo entre as Educadoras Especiais e maior incentivo por parte da Secretaria de Educação Municipal. Quanto à rede estadual de educação, esta já deu um “pontapé” inicial para o reconhecimento desses alunos nos espaços escolares, promovendo a formação de professores e orientando a identificação desses alunos nas escolas estaduais de Agudo.

Palavras-chave: Educação Especial. Altas Habilidades/Superdotação; Matrículas; Serviço de Educação Especial

ABSTRACT

HIGH ABILITIES/GIFTEDNESS: MAPPING OF ENROLLMENTS IN THE MUNICIPALITY OF AGUDO/RS

AUTHOR: Angélica Regina Schmengler
SUPERVISOR: Tatiane Negrini

This conclusion work of the Special Night Education Course of the Federal University of Santa Maria, on the subject of High Abilities/Giftedness, needs to be publicized so that a greater number of education professionals can know it, in order to promote the inclusion of this student. With regard to this subject, many are the doubts and questions about who these subjects are, which can impair the identification and care of these students. Thus, the objective of this research was to problematize the Educational Attendance to the student with High Abilities/Giftedness in the municipality of Agudo from the mapping of enrollments in the municipal and state education network. As a methodology, this writing is delimited as qualitative, of the type of case study, having as instrument of data collection semistructured interview with the Special Educators acting in the municipality and information provided by the Municipal and State Coordinating Departments of Education of said city via e-mail. Due to personal and professional experiences in this locality by the researcher of this work, in which the enrollment of students with High Abilities/Giftedness in the largest school in the municipal school network was not verified, questions that raised the desire to research in this reality were structured. To support the production, authors who lectured on the subject were recruited (REZULLI; REIS, 1997; RENZULLI, 2004; 2014; VIRGOLIM, 2007; FREITAS; PÉREZ, 2009, 2014, 2016; FLEITH, 2007, 2014), as well as national public policies that guarantee the right of this public (BRASIL, 2008). Thus, data found from this research were analyzed through the qualitative analysis and pointed out relevant aspects to understand the information provided by the Coordinators and those provided by the Special Educators who participated in the interviews. Through the interviews, three students identified with High Abilities/Giftedness and six that are being observed and going through this identification process were pointed out. It was found that the lack of knowledge of education professionals is one of the main factors for the low number of students identified and in process of identification in the municipality. Also, it was pointed out the need for teacher training, dialogue between Special Educators and greater encouragement from the Municipal Education Secretariat. In relation to the state education network, it has already begun to recognize these students in the school spaces, promoting the formation of teachers and directing the identification of these students in the state schools of Agudo.

Keywords: Special Education. High Abilities/Giftedness; Enrollment; Special Education Service

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A - Carta de apresentação da pesquisa de trabalho de conclusão de curso e solicitação dos dados do estudo para as coordenadorias de educação do município de Agudo.....	67
Apêndice B - Questionário para coordenadoria de educação do município de Agudo.....	68
Apêndice C - Questionário para coordenadoria estadual de educação do município de Agudo.....	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Matrículas de alunos Público-Alvo da Educação Especial na rede estadual de educação do Município de Agudo.....	33
Quadro 2 - Informações sobre alunos com AH/SD nas escolas estaduais.....	55
Quadro 3 - Informações sobre alunos com AH/SD nas escolas municipais.....	56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Matrículas de alunos Público-Alvo da Educação Especial na rede municipal de educação do Município de Agudo.....	32
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo dos Três Anéis.....	16
---------------------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1 ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: PRINCIPAIS CONCEITOS	16
2.1.1 Características comuns de pessoas com Altas Habilidades/Superdotação	19
2.1.2 Mitos a respeito das Altas Habilidades/Superdotação	21
2.2 PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO	23
2.3 MODALIDADES DE ATENDIMENTO PARA AS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO	24
3 MÉTODOS INVESTIGATIVOS	28
4 ANÁLISE DOS DADOS	31
4.1 CONTEXTO DA LOCALIDADE DE PESQUISA	31
4.2 LEVANTAMENTO DE DADOS DE ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO	31
4.3 CONTRIBUIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM AS EDUCADORAS ESPECIAIS	34
4.4 MAPEAMENTO DE ALUNOS IDENTIFICADOS E EM PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO DE AH/SD	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62

1 APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

A educação é a base para uma sociedade se desenvolver, sendo que todo ser humano tem direito ao acesso a uma educação de qualidade (BRASIL, 1988). Porém, ao longo do processo histórico, não eram todas as pessoas que conseguiam ter esse acesso, havendo uma segregação de alguns grupos, sejam pelas condições econômicas, culturais ou físicas.

Felizmente, com uma discussão acirrada sobre inclusão, as instituições de ensino foram se desenvolvendo de forma a atender a todos, buscando seguir o que está exposto na lei.

Assim, na perspectiva da educação inclusiva, tem-se que os alunos Público-Alvo da Educação Especial devem frequentar a escola regular, sendo-lhes ofertadas condições para sua permanência nesse espaço. Destaca-se que esse público é caracterizado pelas pessoas com deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (BRASIL, 2008).

Nesse trabalho, a referência de escrita são os alunos com altas habilidades/superdotação (AH/SD), considerados como aqueles que apresentam habilidade acima da média, comprometimento com a tarefa e criatividade (RENZULLI, 2014).

Diferente das deficiências e do transtorno global do desenvolvimento, esses sujeitos não apresentam condições físicas aparentes ou especificidades que evidenciam que são Público-Alvo da Educação Especial, necessitando um olhar atento para suas características e identificação. Dessa maneira, “em termos de identificação do superdotado inserido em um grupo, os traços que o separam daqueles ditos normais muitas vezes não são percebidos pelo professor ou pela equipe pedagógica de determinada escola” (SOARES; ARCO-VERDE; BAIBICH, 2004, p. 127) e, conseqüentemente, não tem o acompanhamento educacional do qual necessitam para seu desenvolvimento.

Considerando as discussões sobre o processo inclusivo e estando as AH/SD exposta nas políticas de Educação Especial, não se pode mais aceitar que esses alunos sejam “esquecidos” dentro das instituições de ensino. Afinal, o mundo atual é permeado por informações e com os recursos midiáticos se torna mais fácil chegar ao conhecimento de quem são essas pessoas e o que elas precisam para desenvolver seus potenciais. Ainda, há cursos de formação de professores e

materiais disponibilizados pelo Ministério da Educação que oportunizam o contato com esse conteúdo (BRASIL, 2002; 2006; 2008). Além dessas referências, pode-se citar como suporte de saberes: A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação (FLEITH, 2007a); A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação (FLEITH, 2007b); A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação (FLEITH, 2007c); Altas Habilidades/Superdotação Encorajando Potenciais (VIRGOLIM, 2007).

Refletindo sobre a exposição acima e levando em consideração a minha prática, enquanto pedagoga, que foi vivenciada em um município da região central do estado do Rio Grande do Sul, surgiu a necessidade de desenvolver um estudo sobre a identificação e o atendimento dos alunos com AH/SD no município de Agudo.

Essa curiosidade foi oriunda de questionamentos pessoais e profissionais a partir da constatação de que em uma escola de ensino fundamental dessa cidade, a qual concentra o maior número de alunos matriculados da rede municipal de ensino, não haviam alunos identificados com AH/SD e, conseqüentemente, nenhum aluno com esse perfil sendo atendido no Atendimento Educacional Especializado no ano de 2017.

Essa percepção instigava o meu pensamento sobre o que podia permear essa realidade. Afinal, acredita-se que deveria haver alunos com comportamentos de AH/SD nessa escola, considerando a prerrogativa de que 3, 5% a 5% da população mundial apresentaria comportamento de AH/SD, de acordo com Organização Mundial da Saúde (OMS), ressaltando-se que, no Brasil, esse número seria de 5% a 7,78% (PÉREZ; FREITAS, 2009). Ainda, segundo Pérez e Freitas “as leis, normas e documentos norteadores educacionais, então, determinam e asseguram o direito ao AEE dos estudantes com AH/SD, mas a sua execução e a sua aplicabilidade ficam comprometidas por diversos fatores” (PÉREZ; FREITAS, 2014, p. 630).

Outro fator que contribuiu para a escolha dessa pesquisa no município de Agudo, foi o fato de eu ser agudense, estudando durante toda a Educação Básica nessa cidade. Nesta, vivenciei a aprendizagem em uma escola rural e outras urbanas, percebendo as diferenças que permeiam os dois contextos. Ao longo dessa

trajetória, nunca tive colegas identificados com AH/SD e nenhum aluno, nas escolas em que estudei, era considerado com habilidades acima da média.

Também, a minha família é de Agudo, sendo que meus sobrinhos estudam/estudaram nas escolas deste município e nunca relataram casos de alunos com AH/SD em suas escolas.

Em alguns momentos, devido à aproximação com a temática e, por conhecer os comportamentos de um aluno com AH/SD, questionei-me se minha sobrinha não poderia ser um caso de superdotação acadêmica, pela sua trajetória e características. Porém, mesmo sendo aluna destaque na escola, durante toda vida escolar, nunca foi encaminhada para um processo formal de identificação na escola.

A partir de reflexões sobre essa constatação, foram feitos alguns questionamentos: Os alunos com AH/SD estão sendo vistos? Identificar esses alunos não é importante? Como ocorre a educação desses alunos com AH/SD que apresentam necessidades educacionais próprias? Há conhecimento, por parte dos professores e gestores, de quem são esses sujeitos? Há uma prioridade de atendimento dos alunos com deficiência no AEE?

Infere-se que esses questionamentos foram possíveis a partir do conhecimento adquirido no curso de graduação em Educação Especial noturno e no contato efetivo com alunos com AH/SD no Grupo de Pesquisa em Educação Especial: Interação e Inclusão Especial (GPESP), como bolsista de iniciação científica no ano de 2014. Esse fato remete para a importância da inserção dos acadêmicos em projetos de pesquisa e extensão para aprimorar o olhar para o alunado Público-alvo da Educação Especial, possibilitando que, no momento da prática como professor, já se tenha a sensibilidade a respeito de quem são e do que necessitam esses alunos.

Esse trabalho teve o intuito de, além de pesquisar sobre os dados das matrículas de alunos com AH/SD no referido município, contribuir para divulgar essa temática que tanto me cativa. Assim sendo: Como é organizado o Serviço de Educação Especial no município de Agudo em relação à identificação e ao atendimento educacional dos alunos com AH/SD?

No intuito de encontrar respostas para o problema de pesquisa, o estudo teve como objetivo problematizar o Atendimento Educacional ao aluno com AH/SD no município de Agudo a partir do mapeamento de matrículas na rede municipal e

estadual de educação. Desse objetivo maior, ramificaram-se outros, sendo: Identificar o número de alunos matriculados com altas habilidades/superdotação na rede municipal e estadual do município de Agudo; Compreender as percepções dos professores de Educação Especial a respeito da identificação e da oferta do atendimento educacional especializado para esse alunado; Verificar com os professores de Educação Especial o trabalho que vem sendo desenvolvido com os alunos com altas habilidades/superdotação no município de Agudo;

Sabe-se que as discussões sobre a inclusão estão presentes no contexto educacional, de modo que, cada vez mais, se faz necessário investigar se a teoria está sendo efetivada na prática, ou se há uma tentativa de mascarar a realidade das escolas. No que concerne às AH/SD, verifica-se uma maior dificuldade em identificar e incluir os alunos, devido à falta de conhecimento, de alguns profissionais da educação, sobre essa temática.

Partindo dessa prerrogativa, considerou-se importante investigar sobre o número de alunos com AH/SD matriculados no município de Agudo, tendo como justificativa a existência de políticas (BRASIL, 2008; BRASIL, 2001, BRASIL, 2011), que amparam esse alunado e de autores renomados (REZZULLI, 2014; VIRGOLIM, 2007; PÉREZ; FREITAS, 2016), que definem quem são esses sujeitos e as suas necessidades dentro do espaço escolar.

Logo, é preciso verificar se é efetivado, nessa realidade, o que está exposto na legislação nacional e na teoria, ou se esses alunos não são reconhecidos nas escolas municipais e estaduais dessa cidade.

Por conseguinte, as pesquisas e estudos que têm o objetivo de discutir e problematizar sobre a educação de alunos com AH/SD são relevantes, considerando que há, de certa forma, poucas produções sobre a temática. Essa informação se confirma nos estudos de Chacón e Martins (2014) que realizaram uma pesquisa a respeito do número de teses e dissertações com o conteúdo das AH/SD, produzidas no Brasil, entre 1987 e 2011, encontrando um total de 109 produções.

Desse modo, esse número deveria ser maior, considerando o tempo delimitado pelos autores.

E, se considerarmos que o Brasil possui 183 Programas de Pós-Graduação em Educação devidamente reconhecidos (CAPES, 2012) e, que destes, somente 19 desenvolveram pesquisas sobre altas habilidades/superdotação, constatamos o quanto ainda é pequeno o

interesse por essa temática. (CHACON, MARTINS, 2014, p. 364)

Ainda, a relevância do presente estudo é respaldada no fato de que este pode contribuir para divulgar as características desse alunado e o seu direito por uma educação que atenda seus interesses, considerando que é possível que alguns professores desconheçam as características desses sujeitos e o trabalho pedagógico a ser desenvolvido com os mesmos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: PRINCIPAIS CONCEITOS

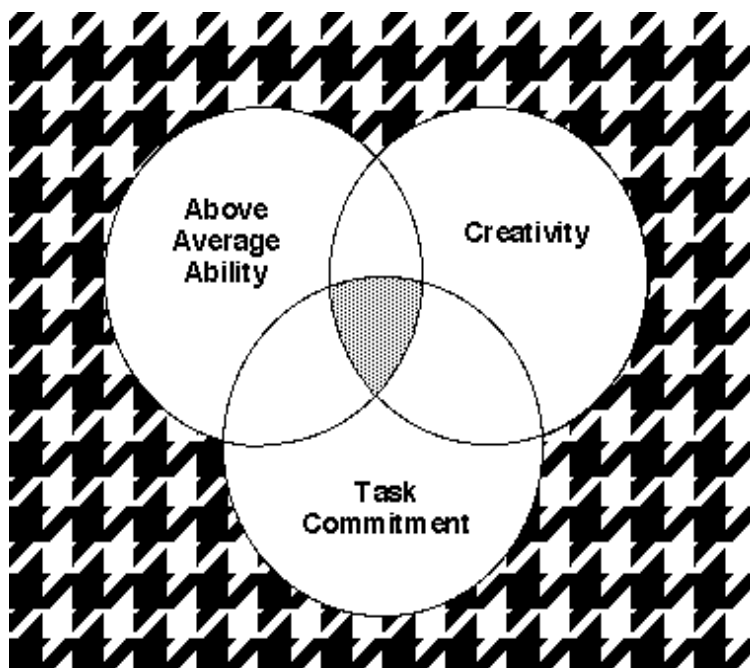
As altas habilidades/superdotação (AH/SD), assim como as Inteligências Múltiplas de Gardner, podem promover inquietações em muitas pessoas. Afinal, o desconhecimento, muitas vezes, pode provocar confusões e dúvidas.

Na sociedade, é possível verificar formas equivocadas de ver as pessoas com AH/SD, o que prejudica sua identificação e atendimento educacional, dentro dos espaços escolares. Mas, então, quem são essas pessoas?

A resposta pode ser baseada na concepção de Renzulli (2014), que traz as AH/SD por meio da teoria dos Três Anéis, sendo expostos os três principais traços: criatividade, comprometimento com a tarefa e habilidade acima da média. Essas características precisam estar presentes em uma intersecção (RENZULLI; REIS, 1997). Logo, apresentar um ou dois desses comportamentos não é decisivo para o parecer das AH/SD, sendo que, em algum momento, os três aspectos devem ser percebidos, mas não, necessariamente, de maneira concomitante.

Na figura abaixo, está representado o diagrama do Modelo dos Três Anéis.

Figura 1 – Modelo dos Três Anéis



Fonte: Renzulli (1986)

Para melhor compreensão, infere-se que a habilidade acima da média “pode

ser definida de duas formas” (RENZULLI, 2014, p. 236). Dentre essas habilidades, estão as habilidades gerais e específicas. A capacidade geral consiste na “capacidade de processar informação, de integrar experiências que resultem em respostas apropriadas e adaptativas a novas situações e de se engajar em pensamento abstrato”. (RENZULLI, 2014, p. 236).

Em relação às habilidades específicas, estas podem ser significadas como a “capacidade de adquirir conhecimento e técnica ou na habilidade de executar uma ou mais atividades de tipo específico e em âmbito restrito”. (RENZULLI, 2014, p. 236).

No que concerne ao comprometimento com a tarefa, esse se caracteriza por “um segundo grupo de traços constantemente encontrados em pessoas criativo-produtivas é uma forma refinada e concentrada de motivação”. (RENZULLI, 2014, p. 241).

A criatividade refere-se à capacidade de apresentar ideias originais e de criar produtos novos. Assim, pessoas criativas gostam de ser desafiadas.

No entanto, esses “comportamentos de superdotação podem se manifestar mesmo quando os três conjuntos de traços não estão presentes ao mesmo tempo”, conforme Virgolim (2014, p. 585).

O documento do Ministério da Educação “Saberes e práticas de Inclusão: recomendações para a construção de práticas inclusivas”, traz as AH/SD como um “notável desempenho e levada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos isolados ou combinados: capacidade intelectual geral; aptidão acadêmica específica; pensamento criativo ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes; capacidade psicomotora” (BRASIL, 2006, p. 43).

Essa definição é atualizada pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que menciona os alunos com AH/SD, como aqueles que:

[...] demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse. (BRASIL, 2008, p. 6)

Essas definições são significativas e oportunizam subsídios para perceber

indicadores em alguns alunos dentro das escolas. Porém, nem sempre, os profissionais da educação conseguem reconhecer as habilidades dos educandos, pois têm alunos que apresentam uma superdotação denominada produtiva-criativa, em que, não necessariamente tira as melhores notas e pode não se destacar nas disciplinas escolares.

Sobre essa classificação das AH/SD, Renzulli (2014) traz dois tipos de superdotação, sendo a produtivo-criativa e a escolar ou acadêmica. Sobre a segunda, é preciso dizer que “é o tipo mais facilmente medido por testes de QI ou outros testes de habilidades cognitivas” (RENZULLI, 2014, p. 228).

Nas AH/SD produtiva-criativa, a ênfase é colocada no desenvolvimento de pensamentos, soluções, materiais e produtos originais” (RENZULLI, 2014, p. 231).

Além dessa dificuldade em identificar alunos com grande potencial, a forma de ser desse alunado pode levar o professor a olhar para os aspectos comportamentais ao invés de olhar para as habilidades.

Muitas vezes, ouvimos o relato de professores referindo que o aluno com AH/SD ‘é muito bom’ em alguma área, mas ‘tem dificuldades, em outras’ (uma das razões pelas quais deixa de ser identificado como PAH/SD); que é muito introvertido ou muito distraído e vive no ‘mundo da lua’; que ‘tem dificuldades para se relacionar com seus colegas’; ‘que não tem caderno’ e, por isso, o professor não tem como avaliar o desempenho em sala de aula; ‘que faz perguntas ou coloca em discussão temas alheios ao conteúdo’. (PÉREZ; FREITAS, 2012, p. 62)

Como pode-se verificar no excerto, há alunos que são mais quietos, outros que são agitados e falantes. Também, há alguns que são líderes e outros que preferem trabalhar sozinhos. Desse modo, os alunos com AH/SD podem apresentar diferentes maneiras de ser, o que leva em consideração sua personalidade, afinal, antes de ser esse Público-Alvo da Educação Especial, é um ser humano.

As pessoas com altas habilidades formam um grupo heterogêneo, com características diferentes e habilidades diversificadas; diferem uns dos outros também por seus interesses, estilos de aprendizagem, níveis de motivação e de autoconceito, características de personalidade e principalmente por suas necessidades educacionais. (VIRGOLIM, 2007, p.11)

Essa citação deixa evidente que não se pode comparar os sujeitos com AH/SD, sendo que cada um se destaca em uma ou mais área e que se expressa de acordo com a sua essência. Logo, usar de um padrão ou de um método comparativo

para tentar identificar os alunos com AH/SD nas escolas não é a alternativa mais adequada.

É preciso dizer que essas habilidades podem não aparecer todo o tempo, o que varia conforme o estímulo que esse público-alvo recebe. Assim sendo, para que essas habilidades se façam presentes, o aluno com AH/SD precisa ser desafiado e ter contato com atividades que sejam de seu interesse.

[...] a superdotação não é um conceito estático (isto é, tem ou não se tem), e sim um conceito dinâmico – ou seja, algumas pessoas podem apresentar um comportamento de superdotação, em algumas situações de aprendizagem/ desempenho, mas não em todas as situações. É, neste contexto, que Renzulli defende a ideia de que não devemos rotular o aluno como sendo ou não sendo superdotado, mas tentarmos entender que as altas habilidades aparecem em um continuum de habilidades. Neste sentido, são características que existem em todos os seres humanos, mas diferindo em níveis, intensidades e graus de complexidade em cada um. Esta concepção deixa bem claro que as altas habilidades/superdotação envolvem aspectos tanto cognitivos quanto de personalidade do indivíduo, nos quais os talentos emergem a medida em que as diferentes habilidades (latentes ou manifestas) de uma pessoa são reconhecidas e apresentadas, de forma criativa, em situações nas quais o indivíduo percebe-se motivado a desenvolver suas capacidades em altos níveis. (VIRGOLIM, 2014, p. 586)

Essa exposição leva a reflexão da importância de práticas que estimulem, desafiem e promovam atividades de interesse de todos os alunos. Ainda, levar em consideração conceitos e notas, sem observar, mais de perto o aluno, não pode ser critério para considerar um aluno com AH/SD, afinal, como visto, eles podem apresentar uma grande destreza em uma área do conhecimento humano e, em outras, até dificuldades.

2.1.1 Características comuns de pessoas com Altas Habilidades/Superdotação

É importante considerar que, apesar desses alunos terem personalidades próprias, há características comuns no grupo de superdotados, como: gosto pela leitura, precocidade, perfeccionismo, preferência por trabalhar e/ou estudar sozinho, liderança, independência, capacidade de observação elevada, senso de humor desenvolvido (FREITAS; PÉREZ, 2012).

Outro comportamento demonstrado por esses sujeitos é “o sentimento da diferença, na sua forma de pensar, sentir ou agir em relação às demais pessoas” (PÉREZ; FREITAS, 2016). Esse sentimento, em alguns momentos, leva ao

descontentamento e impaciência em relação ao ritmo de aprendizagem dos colegas ou na não aceitação de determinadas atitudes de outras pessoas, as quais julgam incorretas.

Além dessas, Pérez traz a aproximação com pessoas mais velhas ou mais novas em relação a sua idade, interesses que se diferenciam dos pares e o assincronismo em relação ao seu desenvolvimento afetivo/intelectual/psicomotor (PÉREZ, 2014).

Virgolim (2007) também discorre sobre essas características, expondo na superdotação acadêmica os seguintes comportamentos: apresenta boas notas; facilidade para aprender; memória rápida; questionador; vocabulário destacado; perseverante; concentra-se por um longo período nas atividades; gosta de agradar aos professores; encontra prazer no conhecimento (VIRGOLIM, 2007).

A respeito da superdotação produtivo-criativa, algumas das características comuns são: criatividade; originalidade; tédio diante da rotina; gosta de criar novas coisas; inventivo; brinca com as ideias; produtor de conhecimento; diversidade de interesses (VIRGOLIM, 2007).

A referida autora descreve algumas das principais características que precisam ser consideradas e trabalhadas no espaço escolar, buscando atender a essas necessidades: necessidade de entender; necessidade de estimulação mental; necessidade de precisão e exatidão; perceptividade; intensidade; não-conformidade; questionamento da autoridade; dentre outros (VIRGOLIM, 2007).

Pérez e Freitas mencionam alguns indicadores que podem ser observados para a identificação desses sujeitos. Esses indicadores estão relacionados aos anéis da Teoria de Renzulli (2014). Quanta à habilidade acima da média, destaca-se os presentes indicadores: vocabulário avançado em relação às pessoas de sua idade; memória muito desenvolvida; possui muitas informações sobre os temas de seu interesse; consegue se adaptar facilmente a novos acontecimentos; aprende rápido aquilo que é de seu interesse; capacidade de generalização; raciocínio lógico-matemático desenvolvido; capacidade analítica desenvolvida; pensamento abstrato destacado (PÉREZ; FREITAS, 2016).

No que concerne à criatividade, podem estar associados os indicadores a seguir: perceptível curiosidade; ideias diferentes; gosto por criticar de forma construtiva; imaginativo; soluções incomuns; gosta de se arriscar; faz

questionamentos provocativos; inconformista; não gosta e realizar tarefas que já sabe; não gosta de cumprir regras (PÉREZ; FREITAS, 2016).

Ainda, sobre o comprometimento com a tarefa podem estar relacionados os referidos indicadores: apresenta uma organização própria; seguro em suas convicções; exigente e insatisfeito consigo mesmo; deixa de fazer uma tarefa para envolver-se em atividades que são de seu interesse; persistente na realização de tarefas que lhe interessam; não precisa de estímulo para concluir algo de seu interesse; estabelece prioridades; treina para aprimorar sua técnica (PÉREZ; FREITAS, 2016).

Essas características não precisam aparecer todas ao mesmo tempo, bem como não se pode generalizar que todo sujeito com altas habilidades/superdotação irá apresentar os mesmos indicadores. A presença de tais indicadores pode ser corroborada pelo ambiente em que a pessoa está inserida, sendo que alguns ambientes ecológicos assumem papel preponderante no desenvolvimento do talento; entre eles destacam-se a família e a escola (CHAGAS-FERREIRA, 2014).

Dessa forma, as características mencionadas ao longo desse subtítulo podem servir de guia no momento de promover a identificação de alunos com altas habilidades/superdotação, mas é preciso levar em consideração outros fatores, como o ambiente no qual estão inseridos, personalidade e o estímulo que recebem para o desenvolvimento da sua área de interesse.

2.1.2 Mitos a respeito das Altas Habilidades/Superdotação

De acordo com o tópico anterior, pessoas com AH/SD possuem características comuns, sendo que podem se destacar em uma ou mais áreas do conhecimento e, até mesmo, apresentar dificuldades em outras áreas. Essas habilidades, podem ser vistas pelo viés da genialidade, sendo que, “em nossa sociedade, é também comum que as pessoas se refiram a uma criança como um gênio” (VIRGOLIM, 2007), que se sobressai em tudo e que é capaz de realizar aquilo que deseja.

Muitas vezes, no contexto da sala de aula, ouve-se falar em alunos “*cdfs*”, “*nerds*”, “*sabichões*”, devido ao alto rendimento nas notas e conceitos escolares. Esses alunos são vistos, pelos colegas como “os esquisitos”, “os diferentes”. Esses rótulos podem inibir ou levar esses educandos a se isolarem do grupo.

Assim, esse desconhecimento, em relação a quem são os alunos com AH/SD, pode provocar desconfortos para esses sujeitos que apresentam comportamentos de superdotação. Afinal, o professor, por não conhecer as características desse público, também pode rotular o aluno e criar uma aversão ao seu comportamento, ou, ao contrário, usar como referência para realizar comparações em relação aos demais alunos.

Essa forma de perceber a superdotação é reconhecida como mitos, os quais estão, ainda, significativamente presentes em várias realidades. Pérez (2003) disserta sobre os principais mitos que permeiam a sociedade. Dentre esses, pode-se destacar os seguintes:

a) mitos sobre constituição, que vinculam características e origens; b) mitos sobre distribuição, que adjudicam distribuições específicas às AHs; c) mitos sobre identificação, que buscam omitir ou justificar a desnecessidade desta identidade; d) mitos sobre níveis ou graus de inteligência, originados de equívocos sobre este conceito; e) mitos sobre desempenho, que repassam expectativas e responsabilidades descabidas e irrealistas; f) mitos sobre consequências, que associam características de ordem psicológica ou de personalidade não vinculadas a este comportamento; e g) mitos sobre atendimento que, muitas vezes, são a causa da precariedade ou ausência de serviços públicos eficientes para esta população. (PÉREZ, 2003, p. 2-3)

Conforme exposto no excerto, os mitos não estão associados apenas à identificação desse alunado, envolvendo diferentes aspectos. Dessa maneira, esses podem afetar as relações professor/aluno e aluno/aluno, fazendo, ainda, com que o aluno camufle seus potenciais para não ser rotulado, o que desencadeia sofrimento, levando a um desinteresse pelo ambiente da escola.

Logo, esses mitos podem ser “fortes empecilhos para a formação de uma identidade própria das PAHs e contribuem para uma representação negativa ou, pelo menos, distorcida destas pessoas”. (PÉREZ, 2003, p.1)

Indo além, faz-se referência ao estudo de Rech e Freitas (2005), que trazem que alguns professores podem perceber o aluno “com altas habilidades como sendo um sujeito bem ajustado, que por si só dá conta da sua educação, não necessitando de uma educação especial” (RECH; FREITAS, 2005, p. 296).

Assim, percebe-se que um pensamento equivocado pode prejudicar na identificação das necessidades educacionais desses sujeitos e no atendimento do qual necessitam para seu desenvolvimento.

2.2 PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO

A identificação das AH/SD não é realizada em uma única observação. Ao contrário, é um processo que demanda diferentes instrumentos e um certo tempo. Mesmo quando se tem um parecer sobre as AH/SD, é preciso dar continuidade no acompanhamento do aluno, para confirmar os indicadores de superdotação.

Para que esse processo ocorra, é preciso entrar em contato com o aluno, observar seus comportamentos e ir atrás de pessoas, próximas ao mesmo, para que essas possam disponibilizar as informações acerca desse sujeito.

Em alguns casos, a própria família ou a escola, ao observar características nesses sujeitos, que se destacam do grupo, buscam por ajuda e solicitam um olhar apurado, de um profissional especializado, para o filho/aluno.

Também, aponta-se para o fato de que existem diferentes correntes teóricas que estudam as AH/SD. Assim, conforme o autor utilizado, o processo de identificação pode ser distinto um do outro. Mas, o comprometimento com essa identificação precisa estar presente, independente do teórico selecionado.

Deste modo, primeiramente, é preciso dizer que para esse estudo a teoria que embasa a fundamentação teórica é a de Renzulli (2004, 2014), bem como as Inteligências Múltiplas de Gardner (GARDNER; CHEN; MORAN, 2010).

No que se refere às Inteligências Múltiplas, essas foram propostas por Gardner, de modo que a inteligência pode ser compreendida como “um potencial biopsicológico de processar informações de determinadas maneiras para resolver problemas ou criar produtos que sejam valorizados, por, pelo menos, uma cultura ou comunidade” (GARDNER, CHEN, MORAN, 2010). Gardner afirma haver oito inteligências: lógico-matemática, linguística, corporal-cinestésica, musical, espacial, interpessoal, intrapessoal, naturalista.

A inteligência, assim, não pode ser “medida” apenas por meio dos Testes de Quociente de Inteligência (QI), afinal ela perpassa a lógico-matemática, envolvendo diferentes áreas do conhecimento.

Para se chegar num parecer afirmativo dessas habilidades, podem ser realizadas diferentes etapas, bem como o preenchimento dos seguintes questionários, criados por Pérez e Freitas (2016): Lista de Verificação de Identificação de Indicadores de altas habilidades/superdotação (LIVIAH/SD); Questionário de Identificação de Indicadores de altas habilidades/superdotação para

o responsável (QIIAHSD-R) e Questionário de Identificação de Indicadores de altas habilidades/superdotação para o professor (QIIAHSD-Pr); Aut nomeação e nomeação pelos colegas.

Quanto ao processo de identificação de altas habilidades/superdotação descrito, é importante frisar que os questionários acima são alguns dos instrumentos possíveis de serem utilizados no Brasil. Havendo, dessa maneira, outras formas de ser promovida essa identificação, conforme a teoria que subsidia o processo de identificação.

Quando se procura identificar alunos em uma turma ou grupo, primeiramente, busca-se o preenchimento da Lista de Verificação de Identificação de Indicadores de altas habilidades/superdotação (LIVIAH/SD), no intuito de verificar os nomes que aparecem de forma mais quantitativa. Também, aplica-se o questionário de Aut nomeação e nomeação pelos colegas, quando for uma turma de anos iniciais do ensino fundamental, a fim de identificar a(s) área(s) na(s) qual/quais o(s) aluno(s) se destaca.

Analisados esses primeiros instrumentos, é aplicado o Questionário de Identificação de Indicadores de altas habilidades/superdotação para o responsável (QIIAHSD-R) e o Questionário de Identificação de Indicadores de altas habilidades/superdotação para o professor (QIIAHSD-Pr), com os familiares e professores dos alunos que podem apresentar indicadores de AH/SD.

Finalizado o preenchimento desses dados, é realizado o pareamento dos dados, a fim de identificar as respostas que se aproximam. Essas informações são analisadas de maneira minuciosa e verificado se os comportamentos aparecem: criatividade, comprometimento com a tarefa e habilidade acima da média.

2.3 MODALIDADES DE ATENDIMENTO PARA AS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

O aluno com AH/SD tem seu direito garantido em lei de ter acesso ao atendimento educacional que atenda suas necessidades educacionais. Há distintas formas de promover uma educação que estimulem os potenciais desse alunado.

De acordo com a legislação, como a Resolução nº 4 de 2 de outubro de 2009 (BRASIL, 2009) e o Decreto 7.611 (BRASIL, 2011), o aluno tem direito ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), para suplementar a sua

aprendizagem. Assim, o AEE pode ser

compreendido como o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucional e continuamente, prestado das seguintes formas:

- I – complementar à formação dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, como apoio permanente e limitado no tempo e na frequência dos estudantes às salas de recursos multifuncionais; ou
- II – suplementar à formação de estudantes com altas habilidades ou superdotação. (BRASIL, 2011, p. 1)

Esse atendimento é realizado em sala de recurso multifuncional, no turno inverso aquele que ele está em sala de aula. Nesse atendimento, o aluno é acompanhado pelo Educador Especial, que pensará em estratégias para contemplar a área de seu interesse. Ainda, os documentos sugerem a necessidade do envolvimento da família e de um trabalho conjunto entre familiares e escola.

O atendimento educacional especializado deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família para garantir pleno acesso e participação dos estudantes, atender às necessidades específicas das pessoas público-alvo da educação especial, e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas. (BRASIL, 2011, p.1)

Além desse atendimento, pode haver uma parceria entre esse profissional e o professor regente da sala comum, na tentativa de trabalharem, juntos, com atividades que enriqueçam o ensino-aprendizagem para esse alunado e, também, para toda a turma. Essa parceria é delimitada como ensino colaborativo.

Sobre essas práticas educacionais, Delpretto e Zardo afirmam que contribui para:

Maximizar a participação do aluno na classe comum do ensino regular, beneficiando-se da interação no contexto escolar; Potencializar a(s) habilidade(s) demonstrada(s) pelo aluno, por meio do enriquecimento curricular previsto no plano de atendimento individual; Expandir o acesso do aluno a recursos de tecnologia, materiais pedagógicos e bibliográficos de sua área de interesse; Promover a participação do aluno em atividades voltadas à prática da pesquisa e desenvolvimento de produtos; e Estimular a proposição e o desenvolvimento de projetos de trabalho no âmbito da escola, com temáticas diversificadas, como artes, esporte, ciências e outras. (DELPRETTO; ZARDO, 2010, p.23)

Outra forma de promover o atendimento educacional do aluno com AH/SD é oportunizar o contato com Programas de Enriquecimento. Lembrando que “enriquecimento pressupõe o fornecimento de uma variedade de experiências de

aprendizagem enriquecedoras que estimulem o potencial dos alunos e que normalmente não são apresentadas no currículo regular” (VIRGOLIM, 2014, p. 604).

Esse Programa de Enriquecimento foi estruturado e sugerido por Renzulli (2004), denominado como Modelo Triádico de Enriquecimento. Este modelo discorre sobre as atividades do tipo I, que englobam atividades exploratórias gerais; do tipo II, com tarefas de treinamento em grupo; e do tipo III, vista como “investigações, individuais ou em pequenos grupos, de problemas reais” (RENZULLI, 2004, p. 94).

Ao aluno com AH/SD pode ser oportunizado, ainda, o enriquecimento intracurricular, que podem se dar de formas distintas como: mentorias, tutorias, monitorias, trabalhos individuais e grupais; compactação do curricular, eliminar conteúdos já compreendidos pelo aluno e introduzir novos, mais desafiadores (FREITAS; PÉREZ, 2014).

As tutorias consistem na atuação de um professor da escola em que o aluno está inserido ou alguém de fora desse contexto, que detém conhecimento satisfatório em um tema, aprimorando e desenvolvendo projetos com o estudante acerca desse tema (FREITAS; PÉREZ, 2014).

Ao ser aproximado de um especialista em uma área, que irá auxiliar e desafiar o aluno em pesquisas sobre um assunto relevante, o educando está tendo contato com as mentorias (FREITAS; PÉREZ, 2014).

Já nas monitorias, o aluno, ao dominar um conteúdo, que está sendo trabalhado pelo professor da sala de aula, irá ajudar os colegas da mesma classe ou de outras turmas.

A aceleração é outra estratégia reconhecida pela legislação, porém, nem sempre ajuda o estudante, pois este pode sentir-se desconfortado com a nova turma, não sabendo lidar com esse processo em sua vida escolar. Ao passo que pode contribuir, “a aceleração também pode provocar na criança sentimentos de isolamento e separação de seus amigos, causando insegurança” (SABATELLA; CUPERTINO, 2007, p. 73).

Outra alternativa de atendimento, são os sistemas de agrupamento específicos, que “envolvem práticas educacionais de agrupamento de alunos em escolas ou classes especiais, ou sob a forma de pequenos grupos atendidos na sala de aula regular de forma diferenciada dos demais alunos (SABATELLA; CUPERTINO, 2007, p. 71).

Porém, essa última sugestão nem sempre é vista com bons olhos, pois pode ser vista como excludente, pois segregaria os demais alunos que não apresentam tais potenciais.

Dessa forma, há diferentes formas de contribuir para a educação desse Público da Educação Especial. Cabe aos professores e as escolas terem a sensibilidade para apostar na melhor opção para o aluno, no intuito de ajudar a desenvolver seus potenciais e não o prejudicar. Para não errar nessa escolha, é importante levar em consideração a opinião do aluno e manter um diálogo com a família, que é conhecedora dos desejos e interesses desse sujeito.

3 MÉTODOS INVESTIGATIVOS

A metodologia da pesquisa precisa ser pensada conforme os objetivos que se deseja alcançar com o estudo, pois é a sistematização desse método que irá “guiar” a busca pelos resultados.

Indo ao encontro dessa prerrogativa, a pesquisa delinea-se como qualitativa, pois não teve a intencionalidade de trabalhar com dados numéricos, mas, sim, dissertar sobre como é organizado o Serviço de Educação Especial, no município de Agudo, em relação à identificação e atendimento educacional dos alunos com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD). Ainda, esse tipo de pesquisa “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

O estudo considerou os contextos histórico, social e político que permeiam o atendimento educacional desse público-alvo da Educação Especial no supracitado município. Pode-se dizer, então, que a pesquisa se delimita a partir do método dialético. Esse delineamento se justifica no fato de que:

[...] nesse tipo de método, para conhecer determinado fenômeno ou objeto, o pesquisador precisa estudá-lo em todos os seus aspectos, suas relações e conexões, sem tratar o conhecimento como algo rígido, já que tudo no mundo está sempre em constante mudança. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 35).

A respeito da sua natureza, é pura, sendo que esse tipo de estudo “procura desenvolver os conhecimentos científicos sem a preocupação direta com suas aplicações e consequências práticas” (GIL, 2008, p. 26).

Quanto aos objetivos, o estudo é descritivo, pois descreve de que maneira é promovida a educação desse alunado, no contexto escolhido para essa pesquisa. Sobre essa classificação, pode-se dizer que são “aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (GIL, 2008, p. 28).

Dando continuidade, sobre os procedimentos metodológicos, infere-se que a pesquisa é do tipo estudo de caso, pois verificou uma realidade específica. Dessa maneira, esse “é um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de

forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc”. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 60).

Nesse caso, a unidade de estudo foi o atendimento educacional, voltado para as AH/SD, em um único município. Conforme mencionado, foi estudado o contexto e a realidade de uma cidade da região central do Rio Grande do Sul, que é Agudo.

Como instrumento de coleta de dados, primeiramente, manteve-se o contato, via e-mail, com as coordenadorias de educação municipal e estadual do supracitado município, no intuito de obter informações quanto a matrículas de alunos com AH/SD. Ainda, verificou-se, com as coordenadorias de educação a respeito do número de professores de Educação Especial atuantes no município e os seus respectivos contatos pessoais.

Foram realizadas, também, entrevistas semiestruturadas com as Educadoras Especiais, cujo modelo está disposto nos apêndices desse trabalho. Portanto, a população, que fez parte do público desse estudo, foram as professoras de Educação Especial atuantes na rede municipal e estadual de educação do município de Agudo.

Essas falas foram gravadas, em um gravador de voz de um telefone celular, pertencente a própria pesquisadora, o qual ficará sob seus cuidados.

Como critérios de inclusão e exclusão, fizeram parte do estudo apenas as professoras de Educação Especial da rede municipal e estadual de educação, que estão atuando no presente ano, e que acompanham as matrículas dos alunos do município de Agudo há, pelo menos, 6 meses.

Os dados encontrados foram analisados por meio da análise qualitativa, que “é menos formal do que a quantitativa, pois, nesta última, seus passos podem ser definidos de maneira relativamente simples” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 113).

Desse modo, foram analisadas as informações quanto ao número de matrículas dos alunos com AH/SD no supracitado município e descritos no capítulo dos resultados, discutindo-se com as referências utilizadas ao longo do trabalho.

Quando uma pesquisa envolve seres humanos é de extrema importância seguir os aspectos éticos. Assim, esse estudo guiou-se conforme as normas da UFSM, estipuladas para a realização desse tipo de pesquisa. Por conseguinte, foi feito o contato com as Coordenadorias de Educação, estadual e municipal, e exposta a pesquisa, bem como seus objetivos.

No momento das entrevistas, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para os sujeitos da pesquisa assinarem, o qual se encontra nos apêndices dessa escrita. Nesse termo, está delimitado os benefícios, os riscos, os custos, dentre outros aspectos, desse estudo.

Os participantes, dessa pesquisa, terão seus dados preservados, no anonimato, tendo-se a devida cautela. Dessa maneira, os questionários, assim como a gravação com as falas da conversa interativa, serão mantidos aos cuidados da pesquisadora, em seu endereço, durante um período de cinco anos. Para não correr o risco de serem identificadas, quatro Educadoras Especiais foram representadas pelas letras da sigla AH/SD: Educadora A; Educadora H; Educadora S; Educadora D. A quinta participante recebeu a letra inicial de Agudo, representada por A2, para diferenciar da primeira letra da sigla de AH/SD.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 CONTEXTO DA LOCALIDADE DE PESQUISA

Conforme mencionado no capítulo da metodologia, os dados foram analisados de acordo com análise qualitativa (PRODANOV; FREIRAS, 2013), trazendo aspectos relevantes, que respondem ao problema de pesquisa.

Primeiramente, é preciso situar o contexto que foi pesquisado. Desse modo, o Município de Agudo está localizado na região central do Rio Grande do Sul, tendo em torno de 18.0000 habitantes. Há, no município, 8 escolas municipais e 3 escolas estaduais, sendo a maioria situada na zona rural. As escolas são: Escola Municipal de Ensino Fundamental Santos Reis; Escola Municipal de Ensino Fundamental Santos Dummont (ambas situadas na parte urbana da cidade); Escola Municipal de Ensino Fundamental 7 de Setembro; Escola Municipal de Ensino Fundamental Alberto Pasqualini; Escola Municipal de Ensino Fundamental Três de Maio; Escola Municipal de Ensino Fundamental Santo Antônio; Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac; Escola Educação Infantil Paraíso da Criança; Escola de Ensino Fundamental Luiz Germano Potter; Escola Estadual de Educação Básica Professor Willy Roos; Escola Estadual Dom Érico Ferrari.

Nessa cidade, prevalece a cultura rural, sendo que o cultivo do fumo e do arroz se faz presente e é responsável pela economia da região. A cidade possui uma Associação de Pais e Amigos do Excepcionais- APAE. Nesse mesmo espaço da APAE, há um polo da Universidade Federal de Santa Maria, em que são ofertados cursos à distância, dentre esses a graduação em Educação Especial.

Dessa maneira, pode-se dizer que os professores do município têm contato com atividades de formação continuada, que possibilitam aprendizagens e motivações necessárias para a prática pedagógica.

4.2 LEVANTAMENTO DE DADOS DE ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Quanto aos dados da pesquisa, infere-se que, num primeiro momento, foi feito o contato, via e-mail, com as Coordenadorias de Educação Municipal e Estadual, no intuito de verificar se havia alunos com AH/SD matriculados no município de Agudo.

A coordenadora pedagógica da Secretaria de Educação do supracitado município enviou os dados a respeito do número de matrículas de alunos Público-Alvo da Educação Especial na rede municipal de educação, sendo que no documento não apareceram alunos com AH/SD.

Tabela 1: Matrículas de alunos Público-Alvo da Educação Especial na rede municipal de educação do Município de Agudo.

Secretaria de Educação e Desporto – AGUDO/RS
Alunos AEE das Escolas Municipais

AEE	EMEF Três de Maio	EMEF Alberto Pasqualini	EMEF Santo Antônio	EMEF 7 de Setembro	EMEF Santos Reis	EMEF Olavo Bilac	EMEF Santos Dumont	TOTAL GERAL
Acondoplasia	-	1	-	-	-	-	-	1
Baixa Visão	-	-	-	-	-	-	1	1
DA	-	-	1	-	1	-	-	2
DF	-	-	-	-	-	-	1	1
DF, DI e Múltipla	-	-	1	-	-	-	-	1
DI	7	3	10	12	6	17	6	61
DI (SAF)	-	-	-	-	-	1	-	1
DI + DA	-	-	-	-	1	-	-	1
DI + Psicose	-	-	-	1	-	1	-	2
DI + TDA	-	-	-	3	-	6	-	9
DI + TDAH	-	-	-	-	-	1	-	1
Dislexia		1						1
DM	-	-	-	2	-	4	-	6
DPA	-	-	-	1	-	-	-	1
Em avaliação ED Especial	-	-	-	-	5	-	-	5
Microcefalia	-	-	-	-	1	-	-	1
PC	-	1	-	-	2	-	-	3
PC do tipo misto	-	1	-	-	-	-	-	1
Síndrome Down	-	2	-	-	-	-	-	2
Surdez	1	-	-	-	-	-	-	1
Surdez - IC	-	-	-	1	-	-	-	1
TDA	-	1	-	-	-	-	-	1
TDAH	-	-	-	1	-	-	-	1
TEA	1	1	-	-	1	-	-	3
TGD- Asperger	-	-	-	1	-	-	1	2
TOTAL	9	11	12	22	17	30	9	110

Fonte: Secretaria de Educação do município de Agudo

Porém, foi realizado um segundo contato por e-mail, indagando sobre a tabela e o fato de não ter indicação de alunos com AH/SD na mesma. Assim, a coordenadora pedagógica respondeu que há um aluno com características de

AH/SD, que está passando pelo processo de identificação, mas, ainda não tem um parecer definitivo.

Ressalta-se que no Plano de Educação do município está exposto o direito e incentivo à formação continuada por parte dos professores. Por conseguinte, uma das metas do referido plano é

Formar, em nível de pós-graduação, 50% (cinquenta por cento) dos professores da educação básica, até o último ano de vigência deste PNE, e garantir a todos (as) os (as) profissionais da educação básica formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino. (AGUDO, 2015, p. 34).

Acredita-se que os professores deveriam ter o conhecimento a respeito do que são as AH/SD e das principais características desse aluno, considerando que o próprio documento garante a formação do corpo docente para atender às demandas das escolas.

Ainda, o município conta com a atuação do profissional da Educação Especial, sendo que o documento traz a necessidade da rede educacional de ensino “garantir o atendimento das necessidades específicas na educação especial, assegurado o sistema educacional inclusivo em todos os níveis, etapas e modalidades” (AGUDO, 2015, p.2). Por conseguinte, esse profissional da educação poderia auxiliar os professores da sala regular no processo de reconhecimento e identificação de alunos com AH/SD. Essa ajuda poderia ocorrer por meio de trocas e diálogos.

A respeito das informações disponibilizadas pela 24ª Coordenadoria de Educação, responsável pelas escolas estaduais de Agudo, não há alunos com AH/SD identificados na rede estadual de ensino deste município.

Quadro 1: Matrículas de alunos Público-Alvo da Educação Especial na rede estadual de educação do Município de Agudo.

Público-Alvo da Educação Especial	Nº de alunos
DI (deficiência intelectual)	46
DA (deficiência auditiva)	03
DM (deficiência múltipla)	03

TEA (transtorno espectro autista)	02
DF (deficiência física)	02
AH/SD	00

Fonte: Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul

Ao analisar de forma detalhada os quadros enviados pelas coordenadoras municipais e estaduais de educação, constata-se que o número de alunos com deficiência intelectual é acentuado em relação às demais especificidades do público-alvo da Educação Especial.

Outro apontamento que se faz é em relação às matrículas dos demais alunos, que apresentam autismo, deficiência auditiva, deficiência física e outras, que pode ser considerada baixa em relação à esfera de escolas públicas e de números de alunos totalizantes nas escolas comuns. Essa constatação pode estar relacionada ao fato de haver uma APAE no município, que pode levar alguns alunos a estarem frequentando esse espaço e não as escolas comuns. Dessa forma, seria preciso verificar o motivo do baixo número de matrículas e se há sujeitos que apresentam alguma deficiência e que não estão matriculados nas escolas do município.

Esses fatos denotam a necessidade de outros estudos sobre o assunto, no intuito de verificar o que está por trás desses números e da inserção desse alunado na sala comum de ensino.

Diante dos dados disponibilizados acerca das matrículas da rede municipal e estadual de ensino, foi necessário buscar maiores informações a respeito dessa realidade, por meio de entrevistas com as Educadoras Especiais que atuam no município. As entrevistas estiveram voltadas para questões sobre formação, formação continuada e AH/SD. O modelo das referidas entrevistas encontra-se nos apêndices deste trabalho.

4.3 ACHADOS DAS ENTREVISTAS COM AS EDUCADORAS ESPECIAIS

Para melhor compreensão dos dados, as falas das Educadoras Especiais foram analisadas e separadas em categorias, pela aproximação no conteúdo que apareceram nas entrevistas. Destaca-se que há seis Educadoras Especiais atuantes no município, seja na rede estadual ou municipal de educação. Dentre essas, foram

realizadas as entrevistas com cinco, de forma que não foi possível encontrar-se com uma das profissionais, devido à incompatibilidade de horários.

As entrevistadas têm entre 5 e 16 anos de atuação profissional, sendo que, especificamente no município de Agudo, esse tempo varia de seis meses a 7 anos.

Em relação à faixa etária das participantes, essa média varia de 26 anos até mais de 40 anos, esclarecendo que foi respeitada a vontade de não declaração da sua idade de uma participante.

Ainda, é preciso informar que duas dessas profissionais atuam concomitantemente na rede municipal e estadual de ensino do município de Agudo. Duas delas, atualmente, atuam apenas na rede estadual de educação e uma está desenvolvendo suas atividades apenas na rede municipal. Ainda, a Educadora Especial que não foi possível ser entrevistada trabalha na rede municipal de Agudo.

A respeito da formação, as entrevistadas realizaram a graduação em Educação Especial e todas relataram ter tido vínculo com a pós-graduação na área da educação, seja de forma concluída, em andamento ou interrompida: Pós em Educação Infantil, Psicopedagogia, Pós em Supervisão e Orientação, Pós em TICs, Pós em Gestão Educacional; Mestrado em Educação (interrompido).

Para manter o anonimato dessas profissionais, as falas serão referenciadas por letras, justificadas no capítulo da metodologia: Educadora A; Educadora H; Educadora S; Educadora D; Educadora A2.

Todas as entrevistas foram agendadas previamente, por telefone. Após explicar o objetivo da pesquisa, e ter o aceite de participação no estudo, foi necessário ir ao encontro das Educadoras Especiais nas escolas de atuação destas, no município de Agudo. Explicado o objetivo do estudo e tendo a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, partiu-se para as perguntas, que foram realizadas como forma de conversa.

Pensando na sistematização dos dados, seguindo Bardin (2011), e a fim de aproximar as falas conforme seu conteúdo, essas foram organizadas nas seguintes categorias: 1: (Des)Conhecimentos/Compreensão sobre as AH/SD; 2: Formação de Professores; 3: (NÃO) Identificação das AH/SD no município; 4: Atendimento Educacional Especializado.

Ainda, a categoria 1 foi dividida em duas subcategorias: 1.a) Conhecimentos sobre quem são os alunos com AH/SD; 1.b) Conhecimentos sobre o processo de

identificação. Já a categoria 3 resultou em três subcategorias: 3.a) Incentivo das Secretarias de Educação; b) Diálogo entre as Educadoras Especiais; 3.c) Alunos identificados/processo de identificação nas escolas.

Categoria 1: (Des)Conhecimentos/Compreensão sobre as AH/SD

Essa categoria traz as percepções das entrevistadas acerca de quem são as pessoas com AH/SD. Durante as falas, apareceram subcategorias que se relacionam com esses saberes. Assim, a categoria 1 é subdividida em: 1.a Conhecimentos sobre quem são os alunos com AH/SD; 1.b Conhecimentos sobre o processo de identificação.

1.a) Conhecimentos sobre quem são os alunos com AH/SD

Nesse momento, destaca-se que o conhecimento sobre as AH/SD, por parte da maioria das Educadoras Especiais, é oriundo de disciplinas estudadas ao longo do Curso de Educação Especial Noturno da UFSM sendo que, algumas expressaram a angústia por querer saber mais sobre o assunto.

Assim, três dessas profissionais da educação, tem um conhecimento mais teórico, pois, conheceram a temática nas disciplinas da área. No entanto, duas participantes informaram não ter tido o momento da prática com esses alunos, sentindo falta dessa atuação.

“Os meus conhecimentos é que através do curso de educação especial noturno, eu tive aulas sobre altas habilidades/superdotação e, só. Como eu te disse, eu não tive a prática.” (Educadora D)

“[...] Na faculdade, a gente teve duas disciplinas relacionadas a essa temática.” (Educadora A)

Já a Educadora S, disse ter tido aulas sobre o assunto e ter feito o estágio com esse público-alvo da Educação Especial, o que lhe dá um suporte para o momento de atuação nas escolas.

“Então, meus conhecimentos, é, como eu tenho a formação na graduação de educação especial noturna, a gente teve as disciplinas das altas habilidades/superdotação e eu estagiei, aonde, no meu estágio, eu tinha dois alunos já identificados e

teve um aluno que eu fiz o processo de identificação”.
(Educadora S)

Duas das profissionais expuseram não ter tido conteúdos significativos relacionado às AH/SD quando fizeram a graduação, de modo que o contato com o assunto está sendo efetivado em formações e por meio de materiais oportunizados pela rede estadual de educação da 24ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE).

“Olha, para te falar bem a verdade, a minha formação é em deficiência intelectual [...] Na verdade, estou tendo mais conhecimento mesmo na área este ano [...] Então, a gente está tendo a formação mesmo este ano em altas habilidades.”
(Educadora H)

“[...] Os meus conhecimentos são de um curso de formação em Cachoeira que eles começaram a desenvolver em outubro do ano passado. Então, está bem recente. Na faculdade não foi trabalhado ainda na minha formação, me formei em 98. Então, não tive nenhum conhecimento dessa área de altas habilidades/superdotação.” (Educadora A2)

Em suas falas, duas participantes trouxeram um suporte teórico, citando autores e teorias que são estudados quando o assunto são as AH/SD.

“Então, assim, o que eu acredito em relação às altas habilidades é aquela questão assim, o aluno, o ser humano, a criança, ele tem várias inteligências, vou citar Gardner na teoria das Inteligências Múltiplas.” (Educadora A)

“Na verdade, tem todas aquelas áreas que podem ser avaliadas. O Aluno não precisa ser bom em tudo para ter altas habilidades. A gente trabalha dentro, então, daqueles anéis de Renzulli, que é muito conhecido. A gente trabalha ali, né, habilidade acima da média, criatividade [...] Mas, não é só na área acadêmica, também, o produtivo-criativo.” (Educadora S)

Nas falas das Educadoras A e S, constatou-se a segurança na compreensão sobre o tema, ao trazerem Gardner, que trabalha na perspectiva das Inteligências Múltiplas (GARDNER; CHEN; MORAN, 2010) e Renzulli (2004; 2014), que expôs o Modelo Triádico das AH/SD, bem como os tipos: produtivo-criativo e acadêmico.

A percepção que se tem sobre os saberes de algumas das entrevistadas é de que estas ainda têm dúvidas sobre quem são esses alunos. Dúvidas oriundas de

uma bagagem formativa que não oportunizou o conhecimento necessário para a maioria delas. Essa constatação aponta para a necessidade de maior atenção e discussão sobre a área de AH/SD nos cursos de formação de professores.

Sobre essa formação, Merlo (2011) discute que a mesma é imprescindível para o reconhecimento e a qualidade do atendimento do aluno com AH/SD.

As propostas de 'educação para todos' ou Educação Inclusiva, têm provocado inúmeros questionamentos quanto à formação dos professores, seja na formação inicial ou a continuada. Há a necessidade de mudar a atitude dos professores frente à diferença, bem como propiciar um conhecimento de modo a facilitar o atendimento aos alunos com indicadores de Altas Habilidades/Superdotação [...] (MERLO, 2011, p.45)

Ainda sobre esses conhecimentos, algumas respostas apontaram para conceitos presentes na literatura. As Educadoras Especiais acreditam que são alunos que se destacam em relação ao demais, inclusive, houveram participantes que afirmaram que esses alunos podem ter facilidades em uma área e dificuldades em outras áreas do conhecimento humano. Em consonância, a literatura traz que “um alto nível de habilidade em uma inteligência não significa elevado nível em outra inteligência” (ALENCAR, 2007, p. 20).

“Não é aquele aluno que é bom em tudo. Ou, não, ele se destaca em matemática ele é bom, não. Tem todas essas outras áreas que a gente tem que analisar para ver se é, se tem altas habilidades mesmo ou não.” (Educadora S)

“[...] São alunos que têm facilidades em determinadas áreas, como, por exemplo, a gente está com um aluno que na área da matemática, que é extremamente inteligente, tem outro que é na área das artes.” (Educadora H)

“E, muitas vezes, ele se destaca em alguma área e ele acaba tendo muita dificuldade na outra.” (Educadora A)

Os discursos explanados deixam evidentes a compreensão da existência de distintas áreas da inteligência humana. Novamente, é possível referenciar Garner, autor das inteligências Múltiplas (GARDNER; CHEN; MORAN, 2010). Ainda, algumas das falas expuseram que o aluno não precisa ser bom apenas em matemática, a qual foi vista como referência de inteligência, ao longo da trajetória da educação, tendo como exemplo a aplicação dos testes de Quociente de Inteligência (QI). Por conseguinte, pode-se deduzir que as profissionais mencionadas

reconhecem as outras áreas como potencial de habilidades nesses alunos.

Porém, em alguns momentos, apareceram, também, mitos em relação a quem são esses alunos.

“Tem um aluno aqui que ele faz maravilhas na área artística, vai para essa habilidade artística e já na parte de ciências ali, ele não vai, ele tranca, mas nessa área artística ele tem um dom para essa parte artística. Então, ele tem uma alta habilidade nesse sentido, ele está no quarto ano. Mas, é muito limitado porque ele teria, eu acho, entendo que teria que ser meio que homogêneo né, não se salienta muito num determinado aspecto e...” (Educadora A2)

De acordo com a Educadora A2, o aluno, para ter AH/SD, teria que ser bom em várias áreas e não apenas em uma. Conforme a supracitada entrevistada, o aluno deveria ter um bom entendimento no português e na matemática, as quais são disciplinas supervalorizadas por muitos professores. Esses são pensamentos presentes em alguns profissionais da educação, assim, “é preciso que o fenômeno da dotação e do talento seja bastante discutido e esclarecido entre eles, afastando os mitos” (FARIAS, WECHSLER, 2014, p. 344).

Infelizmente, ideias como essas estão enraizadas no cotidiano das escolas, mas, não por culpa dos professores, e, sim, pelas próprias representações sociais que os acompanham, bloqueando esses profissionais (AZEVEDO, METTRAU, 2010).

No momento de atuação, são esses mitos que podem não permitir que se desenvolva um trabalho de qualidade para os estudantes com AH/SD.

1.b) Conhecimentos sobre o processo de identificação

O processo de identificação é o ponto de partida para o reconhecimento do aluno com AH/SD. É essa identificação que possibilitará esse aluno ser registrado no Censo Escolar e receber o AEE, consolidando o que está exposto na legislação.

Ponderando sobre a significância do processo de identificação das AH/SD na escolarização desse alunado, interrogou-se as entrevistadas sobre o entendimento acerca de como deve ser realizado esse processo e da sua relevância na vida desses sujeitos.

Em algumas das falas, apareceram a aplicação dos questionários (PÉREZ; FREITAS, 2016) no processo de identificação.

“[...] Eu sempre faço o trabalho também de ir para dentro da sala de aula, fazer os questionários. Daí tem o questionário com o professor, tem o questionário com a turma e depois é com a família.” (Educadora S)

“Sim, acho que além de conversar tem que aplicar questionários[...].” (Educadora D)

“São, são fichas preenchidas pela família, pelos professores.” (Educadora H)

Apesar de saberem que há esses questionários, notaram-se dúvidas em relação a como aplicar esses instrumentos e com que público. Com exceção da Educadora S, que já havia realizado o processo de identificação no seu estágio acadêmico, as demais não explicaram as etapas desse processo. Logo, não é suficiente ter a noção de que podem ser aplicados questionários, se não se tem a instrução de como proceder e da “importância deste processo ser realizado a partir de variadas fontes e com a utilização de vários instrumentos” (NEGRINI; FREITAS, 2008, p. 281). Inclusive, há obras que trazem uma lista de instrumentos a serem utilizados (FREITAS; PÉREZ, 2012, PÉREZ; FREITAS, 2016).

De acordo com a Educadora A2, além dos questionários, podem ser aplicados jogos na área da linguística e da lógico-matemática. Ao longo de sua fala, destacou duas inteligências: linguística e lógico-matemática.

“Por meio de questionários, jogos, envolvendo as inteligências lógico-matemática, inteligência linguística. Através dos jogos, de histórias de contos de fadas. Pode ser contos de fadas, ou, enfim, outras histórias, envolvendo o trabalho da inteligência linguística. Se os alunos vão participar desses jogos. Se eles estão interagindo de forma satisfatória, se para eles, não é relevante aquele assunto, aquele jogo ou se eles mesmos vão desempenhar com determinação, para tentar, desenvolver a imaginação, a criatividade.” (Educadora A2)

Assim, na entrevista da participante A2 apareceram pensamentos equivocados misturados a entendimentos que estão de acordo com a teoria. Afinal, os jogos podem contribuir nesse processo de observação das habilidades. Essa prerrogativa é ratificada por Guimarães e Ourofino (2007, p. 59) ao garantirem que “outras fontes que podem fornecer ricas informações acerca do aluno são jogos, exercícios e dinâmicas”.

Isto posto, além dos questionários, “a identificação deve ser realizada através de observação sistemática de seus traços e, também, através do desempenho ao longo de tarefas” (AZEVEDO; METTRAU, 2010, p. 34).

Ainda, ao se referir à criatividade, expôs um dos Anéis de Renzulli (2014). Porém, esse não é o único comportamento necessário para ter AH/SD. Talvez, essa mescla de pensamentos pode ser resultado do contato recente com a formação continuada.

Para as Educadoras Especiais, o professor da sala de aula tem um papel significativo nesse processo, partindo dele esse olhar atento para as AH/SD.

“Eu acho que primeiro tem que ter um trabalho com os professores. [...] Então, esse eu acho que é o primeiro caminho, assim, é a conscientização do professor dentro da escola, do que são as altas habilidades.” (Educadora S)

A Educadora A, ao ser questionada sobre como pode ser realizado o processo de identificação, relatou ter falta de tempo para promover esse processo. O que se pode interpretar é que a participante compreende que o processo de identificação não é rápido, levando-se mais tempo para sua realização. A constatação da referida educadora está coerente, pois, conforme o próprio termo menciona, a identificação é um “processo”, que pode ser efetuado de diferentes formas e que leva meses até sua confirmação (FREITAS; PÉREZ, 2012).

Também atribuiu a observação como importante nesse processo, assim como a necessidade do reconhecimento dos professores acerca desse alunado, que deveriam indicar os alunos que se destacam em sala de aula.

“Muitas vezes, assim, quando eu faço a intervenção na sala, que estão esses alunos incluídos, já dou uma observada nos outros. [...] E mesmo pedindo para os profes para eles identificarem, nos alunos, alunos com altas habilidades, alunos que se destacam, eles ainda têm muita dificuldade...” (Educadora A)

Essa solicitude pelo olhar do professor da sala regular está de acordo com estudos sobre área, que afirmam que esse profissional tem papel importante nessa identificação.

O professor desempenha um papel significativo nesse processo, pois ele: (a) observa o aluno em sua sala de aula e, através dessa observação, (b) faz a indicação dos mesmos se apresentarem características de altas habilidades/superdotação para compor a avaliação mais global. (AZEVEDO, METTRAU, 2010, p. 34)

O papel da família também foi reconhecido entre as participantes, tendo em vista que “a família constitui também uma excelente fonte de informações que não pode ser negligenciada no processo de identificação do aluno com altas habilidades/superdotação” (GUIMARÃES; OUROFINO, 2007, p. 58). Ainda, a relação entre escola e professores foi mencionada nesse processo.

“Então, eu acho que em primeiro lugar a família, depois o professor, em sala de aula e depois volta esse, essa questão de família, escola, professor, sempre estar conversando.” (Educadora D)

No entanto, uma das Educadoras apontou o fato de que, por ser um município menor e de predomínio da atividade agrícola, algumas famílias não tratam a aprendizagem dos filhos com um olhar mais atento.

“[...] Porque é em casa que a pessoa vai notar dependendo também da família, se é uma família que está mais voltada para identificar a criança, se estuda, se não, o que que tem mais habilidades. Porque, às vezes, aqui mesmo no município, a gente nota que o pessoal é mais de fora, então a família não tem esse olhar para a aprendizagem.” (Educadora D)

Apesar de haver fatores que dificultam as trocas entre os familiares e o ambiente escolar, a Educadora D faz um juízo acertado sobre essa relação, pois “observa-se a importância dos pais ou responsáveis, conjuntamente com a escola, para construir uma educação que transfira aos educandos tranquilidade, desenvolvimento educacional e emocional” (RANGNI; COSTA, 2013, p.85). Fatores que se sobressaem para a qualidade do atendimento do aluno com AH/SD.

A Educadora H, ao ser indagada sobre o processo de identificação, mesmo recebendo o material para realizar esse processo, afirmou não ter muitos conhecimentos sobre como realizá-lo: *“Ai (suspiro), pois é, sinceramente eu não sei te dizer como é que eu vou fazer, sabe”* (Educadora H).

Assim como H, muitos professores suspiram diariamente e “demonstram medo, receio, exatamente pela insegurança trazida pelo pouco saber que acreditam

ter” (AZEVEDO; METTRAU, 2010, p.41). Afinal, a eles são impostas tarefas, que, nem sempre, se sentem preparados para desenvolver.

Esse suspiro denota a clareza da Educadora sobre sua responsabilidade dentro do ambiente escolar, ao mesmo tempo em que necessita de ajuda, pois o que lhe foi oportunizado não é o suficiente.

Categoria 2: Formação de Professores

Julgou-se importante interrogar as participantes sobre a formação de professores, que é o passo inicial no reconhecimento do aluno com AH/SD, pois é primordial o contato com conhecimentos sobre esse alunado para subsidiar a prática com esse público, permitindo que se efetive sua inclusão (MERLO, 2011).

Ao serem questionadas sobre essa formação de professores, todas as entrevistadas disseram que a rede municipal de educação precisaria oportunizar formação na área das AH/SD, sendo que isso não ocorreu até o momento.

“Não fiz nenhuma formação sobre as altas habilidades. No município não. A gente nem escuta falar sobre formação em altas habilidades.” (Educadora D)

“[...] No município não tem muito esse olhar das altas habilidades ainda.” (Educadora A)

A Educadora H relatou que, além de não ter formação em AH/SD na rede municipal, são as próprias Educadoras Especiais que organizam as formações para os professores do currículo e das áreas sobre outras abordagens da Educação Especial.

“Então, formação mesmo para nós não tem no município. [...] Em outras áreas sim, a gente fez. Teve um ano que a gente fez uma formação para os professores. A gente falou um pouquinho de cada para eles, para os professores. Fomos nós que fizemos, nós que organizamos.” (Educadora H)

Apesar de não estar atuando, no ano de 2018, nas escolas municipais, a Educadora Especial A2 reforçou as falas das demais participantes, dizendo que no ano de 2017 atuou na rede municipal, mas que não presenciou formação na área: *“Nenhuma formação, nenhuma”* (Educadora A2).

Quanto à rede estadual, as profissionais informaram que estão tendo acesso

ao conhecimento sobre o assunto, pois a 24ª Coordenadoria de Educação, com sede em Cachoeira do Sul (RS), oportuniza encontros formativos, sendo que, no ano de 2018, o foco está sendo as AH/SD.

“Esse ano está tendo porque, assim, a nossa chefe da Educação Especial da 24ª está fazendo cursos das altas habilidades. [...] Então, esse ano todas as formações estão sendo direcionadas para as altas habilidades.” (Educadora S)

“Daí, teve um primeiro encontro, dando toda a ênfase do que ia ser tratado, foi passado um material em pen drive para a gente. Mas, teórico, teoria do assunto de altas habilidades/superdotação. E agora, para a gente fazer o trabalho mais prático na escola através desses questionários que foram disponibilizados em maio de 2018.” (Educadora A2)

Essa iniciativa nas escolas estaduais é bem vista, em razão de que “tal formação é primordial para que o profissional possa identificar o aluno de forma correta, e, dessa forma, possa agir de acordo com a necessidade do discente”. (BAHIENSE; ROSSETTI, 2014, p. 204). Isto aponta que tal iniciativa precisa ser mantida, ou ainda, ampliada.

Questiona-se sobre o fato de ter sido promovida formação em outras áreas da Educação Especial e nada em torno das AH/SD nas escolas municipais. Talvez, os demais Públicos da Educação Especial estejam sendo prioridade pela demanda que há no município. Ou, então, por não conhecerem e/ou não apostarem na existência desses alunos nas escolas, acabam não sendo promovidos os saberes sobre a temática entre o corpo docente.

A invisibilidade dos alunos com AH/SD está estreitamente vinculada à desinformação sobre o tema e sobre a legislação que prevê seu atendimento, à falta de formação acadêmica e docente e à representação cultural das Pessoas com Altas Habilidades/Superdotação (PAH/SD). (PÉREZ; FREITAS, 2011, p. 111)

Nesse aspecto, se acentua a urgência por ações que mudem essa realidade e se confirma a relevância da pesquisa, a fim de mobilizar olhares reflexivos diante dessa situação.

Categoria 3: (NÃO) Identificação das AH/SD no município

Na categoria 3, são expostos os fatores que estão relacionadas ao

(não)reconhecimento de alunos com AH/SD nas escolas de Agudo. Ao analisar o conteúdo das entrevistas, constatou-se que essa categoria poderia ser dividida em três subcategorias: Incentivo das Secretarias de Educação; Diálogo entre as Educadoras Especiais; Alunos identificados/processo de identificação nas escolas.

3.a) Incentivo das Secretarias de Educação

Ao longo das falas das participantes, foi explicitada a necessidade de maior envolvimento e contato da Secretaria da Rede Municipal de Educação de Agudo, seja no que concerne à oferta de cursos sobre a temática, como em relação ao trabalho das Educadoras Especiais atuantes nas escolas do município.

Quando questionadas se a Secretaria de Educação do município fazia alguma intervenção na área das AH/SD, as respostas foram negativas.

“Não. Não cobra nós sobre essa área.” (Educadora D)

“Do estado a gente é bastante cobrado sabe. A gente tem umas coisas de relatório, a gente tem que fazer plano de atendimento individual [...] E no município a gente não tem essa cobrança. Eu faço porque eu tenho que fazer, porque, depois, de repente, se eu saio de uma escola e vem outra educadora, ela precisa ter um norte para começar [...] Mas, não que a rede municipal, eles nunca foram na minha sala fiscalizar.” (Educadora H)

Esse incentivo precisa ser repensado pelos gestores educacionais de Agudo. Afinal,

Os gestores da Educação têm papel de primordial importância, já que é a eles que compete a decisão política de construir um sistema educacional que seja respeitoso e responsivo às necessidades educacionais especiais dos alunos com altas habilidades/superdotação. (BRASIL, 2002, p. 27)

A fim de verificar sobre a procura por pessoal qualificado, fora do contexto do município, como na própria UFSM, que tem o curso de Educação Especial e grupos de pesquisa na área das AH/SD, questionou-se a Educadora A se a Secretaria de Educação, em algum momento, havia tentado esse contato. No entanto, a participante afirmou que não houve essa tentativa de parceria.

“Não, até porque no município não tem muito esse olhar das altas habilidades ainda.” (Educadora A)

Além dessas percepções, uma entrevistada disse que, quanto ao atendimento dos demais públicos da Educação Especial, a Secretaria de Educação do Município tem um bom preparo e organização. Mas, no que tange às AH/SD, se torna mais deficitária essa estruturação.

“É, realmente, eu trabalhei na área da educação infantil, seis meses, no ano de 2017 e realmente foi relatado, pela professora de educação infantil, que teria um aluno com altas habilidades, mas realmente, por exemplo, se eu tivesse me direcionado o trabalho com esse aluno, eu não sei. Eu não posso (dar uma afirmação) porque eu não procurei, não procurei esse respaldo da secretaria de educação. Mas, eu não sei também, fica difícil responder. Mas, para os outros tipos de deficiência intelectual, né, autismo, eles têm um, eles estão com um respaldo estrutural melhor que para essa, para esse foco nessas altas habilidades.” (Educadora A2)

Essas declarações são inquietantes, pois há uma política que respalda a identificação e o AEE para o estudante com AH/SD. É pertinente que essa legislação se efetive nos contextos educativos, conciliando teoria e prática.

As leis, normas e documentos norteadores educacionais determinam e asseguram o direito ao AEE (Atendimento Educacional Especializado) dos estudantes com AH/SD, mas a sua execução e a sua aplicabilidade ficam comprometidas por fatores como: o atrelamento da oferta a uma demanda não aferida; a deficiente compreensão das realidades educacionais regionais; a circunscrição dos dispositivos exclusivamente ao âmbito educacional; o pouco conhecimento (ou mesmo desconhecimento) dessas leis, normas e documentos norteadores e das reais dificuldades e necessidades destes estudantes. (FREITAS; PÉREZ, 2011, p. 110-111)

Em contrapartida às falas anteriores, a Educadora D, acredita que a Secretaria da Educação iria contribuir com o trabalho do Educador Especial. Logo, quando indagada sobre o apoio da Secretaria de Educação do Município, em relação aos materiais e recursos educacionais, se houvesse confirmações de alunos com AH/SD na escola, a entrevistada disse acreditar que teria esse apoio, desde que a própria Educadora Especial se mobilizasse para esse contato.

“Acredito que sim, desde que partisse assim de mim, de fazer o pedido, de esclarecer sabe, de manter tudo claro, falar sobre o aluno juntamente com a família. Assim, o município, a própria escola aqui é muito acessível para isso.” (Educadora D)

No que se refere ao envolvimento da Secretaria de Educação da Rede Estadual, essa investidura está ocorrendo no presente ano, sendo que, até então, também não havia uma preocupação em identificar alunos com AH/SD nas escolas estaduais de Agudo. Contudo, desde o início do ano atual, a 24ª Coordenadoria de Educação está ofertando discussões aos professores da rede estadual e oportunizando o material de identificação desse alunado. Também, as Coordenadoras Pedagógicas da rede estadual estão orientando as Educadoras Especiais a realizarem essa identificação nas escolas, inclusive, tendo que apresentar alguns resultados até o final do presente ano sobre alunos que apresentam comportamentos de AH/SD.

“Eles (24ª CRE) exigem da gente ter o processo de identificação feito com algum [...] Daí, eles mandam o material tudo lá para a gente fazer. Então, ali, a gente, agora, até final de outubro, nós temos que mandar uma ficha com quem que a gente está fazendo, o que já foi feito e quais que a gente já conseguiu ter um olhar para as altas habilidades.” (Educadora S)

A rede estadual está caminhando ao encontro do que diz as políticas públicas, sobre o papel dos gestores. Por conseguinte, há o reconhecimento de que “é aos gestores, também, que compete elaborar o planejamento estratégico que lhes permitirá implementar, no ritmo e na intensidade possíveis, o preparo dos professores e dos demais profissionais da Educação” (BRASIL, 2002, p. 27). Preparo, esse, para o trabalho com as AH/SD.

3.b) Diálogo entre as Educadoras Especiais

Algo que se fez presente nos discursos das participantes foi a dificuldade para manterem as trocas dialógicas, para saberem o trabalho realizado em cada escola. As Educadoras Especiais relataram que a carga horária e o significativo número de alunos em atendimento em sala de recursos dificultam o contato entre elas.

“Quando tinha a (nome da Educadora Especial), que era outra educadora nós nos reuníamos mais. Mas, eu e a (nome Educadora Especial) não conseguimos fazer assim. Porque, a gente, na verdade, o que a gente faz no município é atender, atender, atender aluno. Mas, assim, ter diálogo, ter conversa com os professores (interrupção de pensamento).” (Educadora

H)

Ainda, o fato de haver Educadoras Especiais sob regime de contrato, mudando a cada ano, é anunciado como fator negativo para esse diálogo.

*“Eu não conheço as meninas que são contrato, não conheço [...] Quando era nós três, as três nomeadas, a gente conseguia manter (contato) sabe, até porque a gente já se conhecia antes também. E, depois, com a grande rotatividade dos contratos acabou se perdendo. A gente não se encontra, a gente não conversa sobre os casos, então não tem essa aproximação.”
(Educadora A)*

Essa prerrogativa se confirmou ao constatar que as entrevistadas não sabiam responder sobre os alunos identificados ou em processo de identificação de AH/SD em todas as escolas do município. Apenas sabiam responder sobre o seu próprio trabalho e as escolas em que atuam, ou seja, não tinham conhecimento a respeito do que as colegas de profissão estavam fazendo.

As Educadoras Especiais que atuam em uma mesma escola da rede estadual, que é a maior do município, conseguem ter algumas trocas a respeito do processo de identificação na referida escola. Mas, ainda assim, o contato ocorre em curtos momentos e não sabiam dizer, de forma mais detalhada, sobre os alunos que estavam sendo avaliados pela colega.

Compreende-se que, talvez, se houvesse uma conversa mais próxima entre elas, em que pudessem discutir sobre os alunos e suas características, tirariam dúvidas e buscaria outras percepções sobre os indicadores das AH/SD, o que contribuiria para a identificação desses estudantes.

3.c) Alunos identificados/processo de identificação nas escolas

O dado inicial de que não havia alunos identificados com AH/SD nas escolas municipais e estaduais de Agudo, bem como a informação de que apenas um aluno da rede municipal estava passando por esse processo foi desfeita durante as entrevistas. Fato esse, que reforçou a importância das Educadoras Especiais, que são as profissionais indicadas para a realização desse processo de identificação dentro das escolas.

Pelo fato de que a rede estadual de educação estar exigindo, no ano de 2018,

a atenção das profissionais da Educação Especial para esse público, “cobrando”, inclusive, um retorno do número de alunos indicados com possíveis comportamentos de AH/SD, apareceram alguns alunos em processo de identificação nas escolas estaduais.

Em relação a essa identificação a Educadora S afirmou que, na maior escola estadual de Agudo, situada na região central do município, não há alunos identificados e nenhum está passando pelo processo de identificação: “*Não, nenhum*” (Educadora S).

Segundo a referida participante, isso se deve ao fato de haver uma demanda grande de alunos em atendimento na sala de recursos e, ainda, a falta de tempo interfere nesse olhar mais atento para as AH/SD.

“Aqui na (nome da escola) a gente está na, na verdade, assim, é muito aluno. Essa disponibilidade de tempo, a gente está com muito aluno para atender em sala de recurso. E o momento em que tu vai, em função de ser várias turmas que tu vai, para fazer o processo de identificação exige tempo, querendo ou não.” (Educadora S)

Dando continuidade às informações sobre alunos com AH/SD, a Educadora S disse que na outra escola estadual em que atua, a qual está situada no interior do município, foram indicados cinco alunos pelos professores, sendo que, destes, dois alunos já foram identificados, mas que não estão registrados no censo: “*Tem dois, e nós não colocamos isso no censo ainda*” (Educadora S). Ainda, a profissional da educação apontou que um terceiro aluno está passando pelo processo de identificação, faltando o preenchimento do questionário com a família.

“Na escola (nome da escola) sim, lá são cinco indicados, assim, pelos professores. [...] Falta uma família agora ainda.” (Educadora S)

Numa escola estadual do município, em que atuam as Educadoras H e A2, não há alunos identificados, mas está sendo realizado o processo de identificação com três alunos do ensino fundamental: *São três alunos no quinto ano* (Educadora A2).

Sobre esse processo de identificação, a entrevistada H disse que nas escolas municipais, em que trabalha, ela não está desenvolvendo essa identificação, apenas

na referida escola estadual.

“No município não, mas no estado sim, a gente está procurando identificar agora alunos aqui na escola. Só na rede estadual.” (Educadora H)

Em relação a essa identificação nas escolas da rede municipal, há uma aluna, de uma escola do interior, com parecer confirmado de AH/SD, mas que não está registrada no Censo Escolar. De acordo com a Educadora A, essa aluna não aparece no Censo porque a família não aceitou de forma satisfatória a identificação da filha.

“Tem um caso só numa escola que eu trabalho, de altas habilidades”. (Educadora A)

Em outra escola municipal, situada na zona urbana, há dois alunos que estão sendo observados pela Educadora Especial, os quais foram indicados com possíveis características de AH/SD. Um desses alunos é uma menina que, inclusive, está frequentando o AEE, no intuito de verificar os comportamentos de AH/SD.

“No momento aqui a gente tem uma menina [...], que ela vem se destacando. [...] Eu atendo ela todas as quintas-feiras. [...] Para identificar.” (Educadora D).

Porém, essa análise está acontecendo apenas por meio de observação e do contato com a família, sendo que, quando questionada sobre o preenchimento de Questionários (PÉREZ; FREITAS, 2016), a Educadora D, informou que não havia sido realizado esse processo: *“Não, ainda não, porque é muito recente”* (Educadora D).

O outro aluno, que aparece na fala da referida educadora, foi indicado pela professora de artes, por ser bom em produção de desenhos, o qual está sendo observado em sala de aula. Porém, a Educadora Especial acredita que o aluno não tenha AH/SD, pois sua habilidade se apresenta em um único desenho: *“É, assim tem um menino [...] ele vive desenhando, mas é o mesmo desenho.”* (Educadora D)

Logo, a Educadora D confirmou que não há nada efetivo, havendo apenas suposições sobre os dois casos indicados pela Educadora Especial que atuava anteriormente na escola.

“Nada fechado. Não temos um diagnóstico de alunos com altas habilidades/superdotação”. (Educadora D)

Nas demais escolas do município não há alunos identificados com AH/SD e, também, não estão passando pelo processo de identificação de acordo com as Educadoras Especiais.

Apesar de haver alunos identificados no município, que representa um número extremamente baixo, não foram registrados no Censo Escolar: *“É, nós não colocamos isso no censo ainda”* (Educadora S). Essa situação não é nova, de modo tal que as autoras Freitas e Negrini (2014) denunciam os números reduzidos de estudantes com tais características reconhecidos nas escolas regulares, evidenciados pelo próprio Censo Escolar.

É salutar que esses alunos sejam cadastrados no Censo, pois “a real inclusão dos alunos com AH/SD, então, requer a correta identificação e registro desses estudantes nos censos escolares, visto que esses são os dados que alegadamente fundamentam a formulação das políticas públicas” (PÉREZ; FREITAS, 2014, p.637). Logo, é esse registro que dará a visibilidade desse aluno e o suporte para o atendimento no AEE.

Ao serem indagada sobre o que poderia estar relacionada a essa quase inexistência de alunos identificados com AH/SD em Agudo, as profissionais atribuíram, de forma expressiva, o não conhecimento dos professores da sala regular e dos gestores e a falta de envolvimento deste para com as habilidades dos alunos. Assim, foi feito o seguinte questionamento: O que você considera que pode estar relacionado a (não) identificação de aluno com AH/SD nas escolas municipais/estaduais de Agudo?

“À falta de conhecimento dos professores que estão lá no dia-a-dia, na sala de aula, à falta de conhecimento dos gestores também, de estar tipo, fomentando isso daí com os professores.” (Educadora A)

“À falta de conhecimento, bastante. É algo muito novo, primeiro para eles (professora da sala regular) entenderem que as altas habilidades é da educação especial porque eles acham que a educação especial é só deficiência, é só aquele que não sabe [...] É essa falta de informação na verdade”. (Educadora S)

Também foi apontada a falta de maiores saberes para o próprio Educador Especial e a questão do preparo nos cursos de formação inicial.

*“Eu acho que porque agora no momento os educadores especiais, que estão na seleção já tem esse preparo a mais, porque, antigamente, ainda não se tinha o educador especial com uma formação e o conhecimento em altas habilidades.”
(Educadora D)*

Outro fator relacionado foi a falta de formação para os professores do município sobre as AH/SD.

*“Tem toda a questão também de formação pedagógica do município, que tem que falar sobre todos os assuntos.”
(Educadora D)*

O envolvimento com o demais Público-Alvo da Educação Especial foi mencionado, de modo que, ao dar prioridade ao atendimento desses alunos, os profissionais da educação acabam não tendo tempo para investir nas AH/SD.

“Na verdade, é o que acontece os professores ficam muito atrelados aqueles alunos que não aprendem [...] Daí, eles se envolvem muito e a gente também com esses alunos que não aprendem, deixando de lado aqueles outros problemas como eu digo. Às vezes, um déficit de atenção, até mesmo as altas habilidades.” (Educadora H)

A mudança no paradigma social, em relação à valorização da educação, também foi julgada para essa (não)identificação. O fato de, atualmente, muitos alunos, assim como algumas famílias, não demonstraram interesse pela escolarização, faz com que aquele que se sobressai, que se envolve com o processo educativo, seja visto como aluno esforçado, apenas, e não como um possível educando com AH/SD.

“Eu vejo que a não identificação das altas habilidades vem muito disso, de a gente, a maioria dos professores achar que aquele aluno bom é porque tem uma boa estrutura familiar, porque hoje em dia está muito difícil trabalhar dentro das escolas do aluno querer aquilo.” (Educadora S)

Independentemente do que elas associam a esse fenômeno, as respostas analisadas assinalaram para a iminência de estratégias capazes de transformar esses dados, a fim de que se possa ter mais alunos reconhecidos e identificados nas escolas da cidade.

Categoria 4: Atendimento Educacional Especializado

Sobre o Atendimento Educacional para esse público, as Educadoras Especiais acreditam que tanto a rede municipal quanto a estadual de educação se colocariam à disposição das escolas, por meio de materiais e recursos para o AEE, caso tivessem alunos com AH/SD identificados nas escolas.

No que concerne à forma como promoveriam o Atendimento para esse alunado, algumas das entrevistadas demonstraram dúvidas e incertezas sobre como iriam promover o AEE, não sabendo como trabalhar com esse Público da Educação Especial. Esse fato se confirma nas palavras de Farias e Wechsler (2014) que dizem que “tanto nas escolas públicas quanto nas particulares, por vezes, os professores sentem-se desorientados, não sabem como atender e ajudar a desenvolver as capacidades específicas de cada aluno” (p. 337).

Ao ser questionada sobre a forma de promoção do AEE, a Educadora A não deu uma resposta específica sobre o público, apenas explicou como promove esses atendimentos no geral, bem como a forma em que se dava o atendimento da aluna identificada. Esse atendimento era de maneira grupal, em conjunto com alunos com outras especificidades.

“[...] Eu atendo lá os alunos em grupo, são 4 períodos, é um período para cada grupo. E daí, às vezes, eu tinha que tipo ou não atender um grupo ou atender ela junto com um outro grupo de alunos, o que dificultava um pouquinho estar fazendo essa estimulação das potencialidades.” (Educadora A)

Apenas uma das entrevistadas apontou uma proposta de atuação no AEE para esses alunos, dizendo que seria importante trabalhar em grupos e por meio de projetos, envolvendo diferentes áreas para atender aos interesses de cada um dos alunos do grupo. Assim, a Educadora S acredita que a criação e manutenção de Blogs, por parte dos alunos com AH/SD, seria uma proposta interessante para o AEE.

“Que nem lá no meu estágio nós criamos um blog com os alunos e, dentro desse blog, então, eles iam atrás das coisas, informações da escola. Era tipo um jornal informativo. E dentro desse blog, convidavam outros alunos, professores para participar do blog e, ali, primeiro eles especificaram o que eram as altas habilidades [...] Eu acho que tinha que partir por grupos.” (Educadora S)

Essa proposta denota que a educadora é engajada com a temática, pois, deixou claro que é preciso atender às especificidades e áreas de interesse de cada sujeito inserido nesses grupos.

Estratégias distintas, orientadas para atender outras áreas de necessidades educacionais, podem ser oferecidas aos alunos com altas habilidades/superdotação com resultados positivos para a promoção de situações que favoreçam o sentido de pertencimento em todos os alunos. (PEREIRA, 2014, p. 381)

Para a Educadora D, esse atendimento ocorreria por meio de adaptações de recursos que estejam voltados para área de interesse do aluno.

“Eu acho que a gente tem que buscar saber a habilidade dele e fazer um recurso adaptado para instigar o interesse dele.” (Educadora D)

Ao afirmar que é preciso instigar o interesse desse sujeito, o discurso vai ao encontro da ideia de que, “por mais excepcionais que sejam tais aptidões e talentos, caso não haja estímulo e atendimento adequados, os indivíduos dificilmente atingirão um nível de excelência” (SABATELLA; CUPERTINO, 2007, p. 69).

Sobre esse atendimento, foi descrito envolvimento com atividades mais elaboradas e desafiadoras. Para a Educadora H seria mais difícil o trabalho desenvolvido no AEE, pois relatou não ter a formação para trabalhar com esses educandos.

“Como eu te disse, eu não tenho essa formação ainda para trabalhar com esses alunos. Mas, assim, pelo que a gente sabe, pelo que a gente está estudando, pelo que a gente está vendo, nós temos que promover atividades além para esses alunos. (Educadora H)”

Por meio de suas exposições, as profissionais denunciaram que promover o desenvolvimento de potencialidades não é uma tarefa fácil. No entanto, se o professor se engajar nessa missão, ele será capaz de trabalhar com esse aluno e colherá bons frutos. Sendo assim,

O professor de aluno com Altas Habilidades/Superdotação, antes de tudo, deve ser interessado e, principalmente criativo de forma a solucionar os problemas e as dificuldades que enfrenta ao trabalhar com esses alunos, pois o problema aumenta quando não se está preparado para certas situações. (MERLO, 2011, p. 45)

Desse modo, o atendimento de qualquer aluno deve ser levado a sério, sempre considerando o que é melhor para cada um do sujeito envolvido nesse ato educacional.

4.4 MAPEAMENTO DE ALUNOS IDENTIFICADOS E EM PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO DE AH/SD

A partir do que foi exposto nas falas das participantes dessa pesquisa, optou-se por organizar quadros explicativos. Dessa maneira, acredita-se que os leitores conseguem ter uma melhor percepção a respeito do mapeamento de alunos que foram identificados com AH/SD, ou que estão passando por esse processo, nas escolas municipais e estaduais de Agudo.

A seguir, está exposto o quadro com informações das escolas estaduais do supracitado município.

Quadro 2: Informações sobre alunos com AH/SD nas escolas estaduais

Escolas Estaduais	Nº de Alunos identificados com AH/SD	Nº de Alunos em processo de identificação
Escola A	0	0
Escola B	2	1
Escola C	0	3

Fonte: Autora

O segundo quadro explicativo traz dados a respeito de alunos com possíveis características das AH/SD nas escolas municipais de Agudo.

Quadro 3: Informações sobre alunos com AH/SD nas escolas municipais

Escolas municipais	Nº de Alunos identificados com AH/SD	Nº de Alunos em processo de identificação
Escola D	0	2
Escola E	1	0
Escola F	0	0
Escola G	0	0
Escola H	0	0
Escola I	0	0

Fonte: Autora

A partir dos quadros, é notório que a rede municipal de educação precisa ter um olhar mais assíduo para os alunos, no intuito de perceber características de AH/SD entre seu corpo discente.

Desta forma, quando as escolas não estão preparadas para receber, diagnosticar e desenvolver as potencialidades de educandos com altas habilidades/ superdotação deixam de investir não apenas nesses indivíduos, mas também em toda a sociedade que poderia se beneficiar com futuras contribuições que seriam construídas por esses sujeitos no decorrer de suas vidas acadêmicas e profissionais. (SILVA, PAIXÃO, 2010, p. 462)

Ao identificar e promover o atendimento no AEE para esse alunado, além de estar contribuindo para a sociedade, conforme o excerto acima, as escolas estão fazendo-se cumprir o que está exposto na legislação a respeito desse público (BRASIL, 2001, 2006, 2008, 2011, 2015). Logo, urge que as escolas de Agudo promovam uma maior sensibilização para as AH/SD.

As escolas estaduais já iniciaram essa mobilização pelo processo de identificação desse alunado. Apesar, de haver um caminho longo a ser percorrido, estão indo em direção ao reconhecimento de que “os estudantes com altas habilidades/superdotação são descritos como Público-Alvo da Educação Especial

por suas características singulares e pela necessidade de acompanhamento e orientação” (FREITAS, NEGRINI, 2014, p. 166).

Ao fazer uma relação entre os dados disponibilizados pelas coordenadorias de educação, municipal e estadual, com as informações das entrevistadas, constata-se que falta uma maior comunicação entre essas coordenadorias e as Educadoras Especiais. Quanto à rede estadual, o fato de que esse processo se iniciou no presente ano, pode justificar a informação inicial de que não teria alunos com AH/SD nas escolas estaduais de Agudo.

Porém, no que se refere à rede municipal, essa necessidade de maiores trocas dialógicas entre as profissionais da Educação Especial e a Secretaria de Educação se faz notória, a partir da diferença nos números apontados pela coordenadoria e das próprias falas das educadoras que mostraram esse desejo.

Sobre os dados encontrados, infere-se que o reconhecimento das AH/SD é extremamente baixo se comparado com outros públicos da Educação Especial. Fato que se agrava nos dados do Censo Escolar, em que não consta o registro desse alunado no município.

Talvez mais estigmatizados que os alunos com deficiência, os alunos com AH/SD não conseguem sair de sua invisibilidade sistêmica, que se reflete nos censos escolares, que não recebem informações adequadas das escolas e, portanto, apresentam números insignificantes dentro das matrículas escolares. (PÉREZ; FREITAS, 2011, p.112)

Um fator que chama a atenção e nutre reflexões importantes para a área, é o fato da formação de professores ter sido destacada nas falas das entrevistadas, de modo que, houveram participantes que relataram não ter tido os conhecimentos necessários em sua formação inicial. Contudo, ao se pensar que as AH/SD são Público-Alvo da Educação Especial, se reflete sobre a importância desse conhecimento para a atuação com o público mencionado.

Logo, seria interesse repensar alguns aspectos da organização curricular dos cursos de Educação Especial, tendo como referência a atuação dos profissionais com os diferentes públicos: alunos com deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Revela-se que essa reestruturação curricular já está sendo proposta no curso de Educação Especial Diurno da UFSM.

Outra ponderação é o fato de que, se algumas das Educadoras Especiais

relataram necessitar de maiores saberes e de formação mais voltada para a área, os professores da sala regular, que, em seus cursos de graduação, têm poucas ou nenhuma disciplina sobre a Educação Especial, o que se agrave em relação às AH/SD, devem sentir de forma mais intensa essa carência por formação.

Ao longo dos enunciados das profissionais, se realçou a Formação de Professores e o Desconhecimento na maioria das respostas para os questionamentos levantados. Ou seja, essa falta de saberes mais sólidos sobre a temática é considerada um dos fatores com maior impacto para a realidade no número de matrículas de alunos com AH/SD em Agudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa trouxe um acalento pessoal, pois os questionamentos iniciais foram respondidos e, a partir das entrevistas, foi possível verificar o que permeia as AH/SD no município de Agudo, seja em relação aos conhecimentos sobre o assunto, a (não)identificação desse alunado e a percepção a respeito do atendimento educacional para esse público.

Dessarte, ao retomar o objetivo desse trabalho que foi problematizar o Atendimento Educacional ao aluno com AH/SD no município de Agudo a partir do mapeamento de matrículas na rede municipal e estadual de educação, alguns dados se sobressaíram.

Os achados contemplaram um número total de três alunos identificados com AH/SD, sendo uma estudante matriculada numa escola municipal e dois pertencentes a uma escola estadual. Outros seis alunados se encontram em processo de identificação, dentre esses, dois estudam numa escola municipal e quatro em escolas estaduais. Contudo, nenhum dos alunos identificados estão registrados no Censo Escolar, o que justifica a incoerência das informações prestadas pelas Coordenadorias de Educação e pelas Educadoras Especiais e a invisibilidade desse público frente às deficiências.

As falas evidenciaram que a falta de formação inicial e continuada é um dos principais fatores que interferem na identificação - quase ausência de - desses alunos.

Por conseguinte, a imposição por maiores conhecimentos sobre quem são e como promover o atendimento educacional desse aluno foi mencionado pela maioria das entrevistadas. Essa falta de saberes permeia não apenas os professores da Classe Regular, mas algumas das Educadoras Especiais entrevistadas, que, mesmo sendo egressas de um curso que deveria preparar para a atuação com esse público, não possuem o suporte necessário para a prática.

Essa prerrogativa aponta para a necessidade de se pensar a estrutura dos Cursos de Educação Especial, em prol de uma maior qualificação dos profissionais da área, principalmente no que diz respeito às AH/SD. Ao mesmo tempo, se realça a importância de os profissionais da educação estarem em constante busca pelo conhecimento, por meio da formação continuada.

Ainda, as profissionais da educação explicitaram que a sobrecarga de

atendimento aos demais Público-Alvo da Educação Especial, dificulta em relação ao tempo para realizar o processo de identificação nas escolas de Agudo.

Por meio das exposições, constatou-se que o olhar mais atento para as AH/SD se acirrou esse ano, no que concerne à rede estadual de educação. No entanto, na rede municipal de educação, ainda falta uma maior atenção para esses alunos, seja na sua identificação quanto no seu atendimento educacional.

Uma das queixas das participantes esteve voltada para a necessidade de maior investimento da Secretaria de Educação do Município no que diz respeito ao processo de identificação das AH/SD e o atendimento educacional dos mesmos.

Como a identificação de AH/SD dentro das escolas do município é considerada baixíssima, sendo nula em alguns espaços educacionais, conseqüentemente o Atendimento Educacional é preocupante, pois, não está sendo ofertado o AEE para esses alunos devido à invisibilidade deste público. Essa mesma inquietação se volta para a sala de aula regular, afinal, conforme relatado pelas Educadoras Especiais, muitos professores não conseguem reconhecer essas habilidades, o que, se faz pensar que os alunos (com possíveis características de AH/SD) não recebem um atendimento coerente com seu potencial.

A realização de pesquisas assume um papel de extrema relevância no que se refere à contribuição para verificar como se efetiva a organização do sistema educacional, nesse caso, o sistema da rede municipal e estadual de Agudo.

Ao repensar a organização das ações pedagógicas e da educação, pondera-se que investigar o que pode ser aprimorado é desejar, cada vez mais, a efetivação de uma educação de qualidade, que atenda a todos realmente.

Ao deprender energia indo em busca das informações sobre o número de matrículas e o atendimento educacional oportunizado para alunos com AH/SD no referido município, almejou-se colaborar com as escolas, os profissionais da educação e com os próprios alunos, que estão camuflados em suas carteiras.

Por ser agudense e ter atuado como professora na cidade de Agudo, sabe-se dos potenciais que há na região. Assim, as indagações diante da inexistência de tal alunado nos discursos e em registros formais, impulsionou a busca desses achados. Logo, colocar-se no lugar do outro foi a mola propulsora para que essa pesquisa pudesse ser realizada.

Após as últimas palavras desse estudo, fica a sensação de leveza e, ao

mesmo tempo preocupação. Leveza, pois acredita-se que, a partir de agora, algo poderá ser feito para mudar esses dados. Preocupação, pois não se sabe quanto tempo levará para que as habilidades, daqueles que se emudecem ou dos que se tornam inquietos, sejam percebidas, valorizadas e potencializadas.

Nesse instante, fica a certeza de que não se pode parar de pesquisar sobre o assunto. É preciso deixar a sugestão de que novos estudos podem surgir, tendo como sujeitos os professores das classes regulares ou os próprios alunos, que devem ter muito a dizer. Ainda, pesquisar sobre a realidade de outros municípios também se faz importante, corroborando para que um número cada vez maior de professores e leitores tenham acesso à realidade das escolas e a essa temática tão rica e importante que ainda precisa ser divulgada.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S de. Indivíduos com Altas Habilidades/Superdotação: clarificando conceitos, desfazendo ideias errôneas. In: FLEITH, D. de S. (Org) **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação**: volume 1, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

AGUDO. Plano Municipal de Educação. Agudo, 2015.

AZEVEDO, S. M. L. de; METTRAU, M. B. Altas Habilidades /Superdotação: Mitos e Dilemas Docentes na Indicação para o Atendimento. **Psicologia Ciência e Profissão**, 30 (1), p. 32-45, 2010. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v30n1/v30n1a04.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

BAHIENSE, T. R. S.; ROSSETTI, C. B. Altas Habilidades/Superdotação no contexto escolar: percepções de professores e prática docente. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, v. 20, n. 2, p. 195-208, Abr.-Jun., 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n2/04.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 2 de 11 de setembro de 2001**. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília, 2001.

_____. **Projeto Escola Viva** - Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola - Alunos com necessidades educacionais especiais, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2002.

_____. **Saberes e práticas da inclusão**: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação. 2. ed., SEESP/MEC, Brasília: MEC, Secretaria DE Educação Especial, 2006.

_____. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC; SEEP; 2008.

_____. **Resolução Nº 7611 de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, 2011.

_____. **Lei nº 13.234, de 29 de dezembro de 2015**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a identificação, o cadastramento e o atendimento, na educação básica e na educação superior, de alunos com altas habilidades ou superdotação. Brasília, 2015.

CHACON, M. C. M.; MARTINS, B. A. A produção acadêmico-científica do Brasil na

área das altas habilidades/superdotação no período de 1987 a 2011. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 49, p. 353-372, maio/ago., Santa Maria, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/9204/pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

CHAGAS-FERREIRA, J. F. As características socioemocionais do indivíduo talentoso e a importância do desenvolvimento de habilidades sociais. In: VIRGOLIM, A. M. R.; KONKIEWITZ, E. C. (Orgs.). **Altas Habilidades/Superdotação, inteligência e criatividade: uma visão multidisciplinar** Campinas, SP: Papirus, 2014.

DELPRETTO, B. M. de L., ZARDO, S. P. Alunos com Altas Habilidades/Superdotação no contexto da educação inclusiva. In: DELPRETTO, B. M. de L., GIFFONI, F. A., ZARDO, S. P.. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: altas habilidades/superdotação**. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Especial, v. 10, Brasília, 2010.

FARIAS, E. S.; WECHSLER, S. M. Desafios na identificação de alunos intelectualmente dotados. In: VIRGOLIM, A. M. R.; KONKIEWITZ, E. C. (Orgs.). **Altas Habilidades/Superdotação, inteligência e criatividade: uma visão multidisciplinar** Campinas, SP: Papirus, 2014.

FREITAS, S. N.; PÉREZ, S. G. P. B. P. **Altas Habilidades/Superdotação: atendimento especializado**. Marília: ABPEE, 2012.

FREITAS, S. N.; NEGRINI, T. Inclusão e acessibilidade: reflexões sobre a singularidade dos estudantes com altas habilidades/superdotação. In: PIECZKOWSKI, T. M. Z.; NAUJORKS, M. I. (Orgs.). **Educação, inclusão e acessibilidade: diferentes contextos**. Chapecó: Argos, 2014.

FLEITH, D. de S. (Org) **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação: volume 1, Orientação a Professores**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007a.

FLEITH, D. de S. (Org) **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação**. Volume 2, Atividades de Estimulação de Alunos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007b.

FLEITH, D. de S. (Org) **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação**. Volume 3, O Aluno e a Família. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007c.

GARDNER, H.; CHEN, J.-C; MORAN, S. **Inteligências Múltiplas ao Redor do Mundo**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, T. G.; OUROFINO, V. T. A. T. de. Estratégias de Identificação do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação. In: FLEITH, D. de S. (Org) **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação:**

volume 1, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

MERLO, S. O aluno com Altas Habilidades/Superdotação e sua inclusão na escola. In: BRANCHER, V. R.; FREITAS, S. N. **Altas Habilidades/Superdotação: conversas e ensaios acadêmicos**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

NEGRINI, T.; FREITAS, S. N. A identificação e a inclusão de alunos com características de altas habilidades/superdotação: discussões pertinentes. **Revista Educação Especial**, n. 32, p. 273-284, 2008, Santa Maria. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

PEREIRA, V. L. P. Superdotação e currículo escolar: potenciais superiores e seus desafios da perspectiva da educação inclusiva. In: VIRGOLIM, A. M. R.; KONKIEWITZ, E. C. (Orgs.). **Altas Habilidades/Superdotação, inteligência e criatividade: uma visão multidisciplinar** Campinas, SP: Papyrus, 2014.

PÉREZ, S. G. P. B. Mitos e Crenças sobre as Pessoas com Altas Habilidades: alguns aspectos que dificultam o seu atendimento. **Revista Educação Especial**, n. 22, Santa Maria, 2003.

_____. Altas habilidades/Superdotação: mais vale prevenir. **Pediatria Moderna**. v. 50, n. 1, p. 40-48, 2014.

_____; FREITAS, S. N. **Estado do conhecimento na área de altas habilidades/superdotação no Brasil: uma análise das últimas décadas**. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (Anped), 32., Caxambu, 2009. Disponível em: <<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT15-5514--Int.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

_____. A identificação das altas habilidades sob uma perspectiva multidimensional. **Revista Educação Especial**, v. 22, n. 35, p. 299-328, set./dez., Santa Maria, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/download/811/555>>. Acesso em: 16 jun 2018.

_____; FREITAS, S. N. Encaminhamentos pedagógicos com alunos com Altas Habilidades/Superdotação na Educação Básica: o cenário brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 109-124, jul./set. 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/1550/155021076008/>. Acesso em: 15 nov. 2018.

_____; FREITAS, S. N. **Manual de identificação de Altas Habilidades/Superdotação**. Guarapuava: Apprehendere, 2016.

_____; FREITAS, S. N. Políticas públicas para as Altas Habilidades/Superdotação: incluir ainda é preciso. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 50, p. 627-640, set./dez. Santa Maria, 2014.

RANGNI, R. de A.; COSTA, M. da P. R. da. A importância da família ou responsáveis na educação das pessoas com altas habilidades/superdotação. **Cadernos de Pós-**

Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo, v.13, n.2, p. 81-93, 2013 .

RENZULLI, J. S. The three-ring conception of giftedness: a developmental model for creative productivity. In: _____. REIS, S. M.; (Eds.). **The triad reader**. Mansfield Center, Connecticut: Creative Learning Press, 1986.

_____. O que é essa coisa chamada superdotação e como a desenvolvemos? Retrospectiva de vinte e cinco anos. **Educação**. Tradução de Suzana Graciela Pérez Barrera Pérez. Porto Alegre, n. 1, p. 75–131, jan./abr. 2004.

_____. A concepção de superdotação no modelo dos três anéis: um modelo de desenvolvimento para a promoção da produtividade criativa. In: VIRGOLIM, A. M. R.; KONKIEWITZ, E. C. (Orgs.). **Altas Habilidades/Superdotação, inteligência e criatividade**: uma visão multidisciplinar Campinas, SP: Papyrus, 2014.

_____; REIS, S. M. **The Schoolwide Enrichment Model**: A how-to guide for educational excellence (2nded.). Mansfield Center, CT: Creative Learning Press, 1997.

RECH, A. J. D.; FREITAS, S. N. Uma análise dos mitos que envolvem os alunos com altas habilidades: a realidade de uma escola de Santa Maria/RS. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, v.11, n.2, p.295-314, Mai./Ago., Marília, 2005.

SABATELLA, M. L.; CUPERTINO, C. M. B. Práticas Educacionais de Atendimento ao Aluno com Altas Habilidades/ Superdotação. In: . In: FLEITH, D. de S. (Org) **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação**: volume 1, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

SILVA, T. A. C. da; PAIXÃO, D. F. S.; Sociedade e Altas Habilidades: contribuições e perspectivas. **Rev. Educ. Espec.**, Santa Maria, v. 23, n. 38, p. 455-466, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 13 nov 2018.

SOARES, A. M. I.; ARCO-VERDE, Y. F, de S.; BAIBICH, T. M.; Superdotação – identificação e opções de atendimento. **Revista Educar**, n. 23, p. 125-141, Curitiba, 2004.

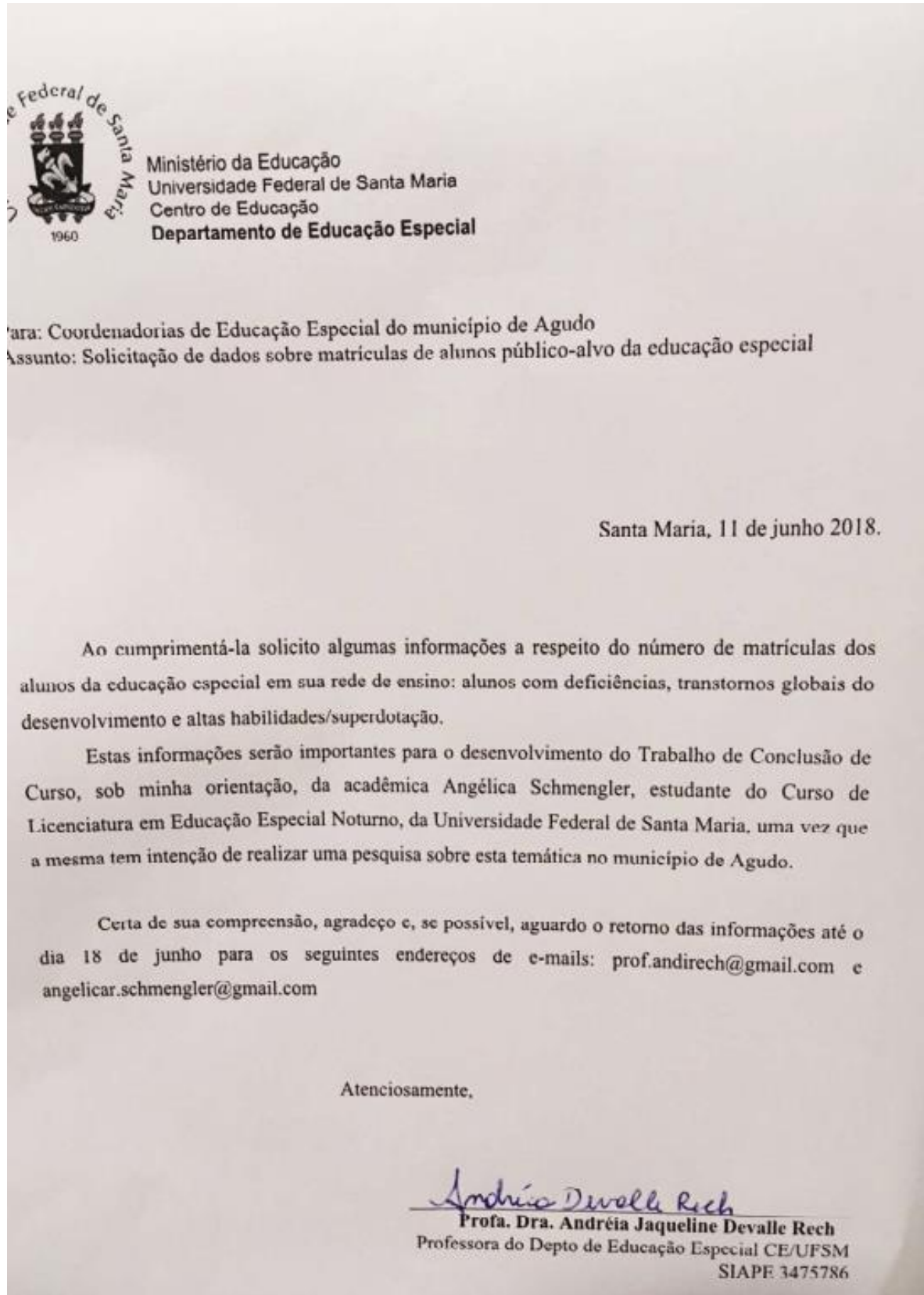
PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

VIRGOLIM, A. M. R. **Altas habilidade/superdotação**: encorajando potenciais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

_____. A contribuição dos instrumentos de investigação de Joseph Renzulli para a identificação de estudantes com Altas Habilidades/Superdotação. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 50, p. 581-610, set./dez. Santa Maria, 2014.

APÊNDICE

APÊNDICE A- CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO E SOLICITAÇÃO DOS DADOS DO ESTUDO PARA AS COORDENADORIAS DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE AGUDO



**APÊNDICE B- MODELO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO ESPECIAL DO MUNICÍPIO DE AGUDO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
EDUCAÇÃO ESPECIAL NOTURNO
TRABALHO FINAL DE CONCLUSÃO DE CURSO
ORIENTADORA PROFESSORA DR^a TATIANE NEGRINI**

Formulário de Entrevista sobre Alunos com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD)
no Município de Agudo

Nome:

Escola (s) em que atua:

Tempo de atuação no município:

1-Você possui conhecimento sobre quem são os alunos com AH/SD? Descreva seus conhecimentos sobre estes alunos.

2 - A partir dos seus conhecimentos, como você acredita que pode ser realizada a identificação de alunos com AH/SD?

3 - Há/houve formação dos professores municipais/estaduais acerca do tema das AH/SD? Em caso afirmativo, como foi promovida essa formação?

4 - Há casos de alunos que passaram/estão passando pelo processo de identificação nas escolas nas quais você atua, na rede municipal de ensino? De que forma é realizado esse processo?

5- Como você promoveria o atendimento educacional para um aluno com AH/SD? Como seria organizado este atendimento dentro do sistema educacional municipal?

5 - O que você considera que pode estar relacionado a (não) identificação de aluno com AH/SD nas escolas municipais/estaduais de Agudo?

**APÊNDICE C- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DO MUNICÍPIO DE AGUDO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
EDUCAÇÃO ESPECIAL NOTURNO
TRABALHO FINAL DE CONCLUSÃO DE CURSO
ORIENTADORA PROFESSORA DR^a TATIANE NEGRINI**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: Altas Habilidades/Superdotação: problematizações a respeito do número de matrículas no município de Agudo/RS

Pesquisador responsável: Angélica Regina Schmengler

Instituição/Departamento: Centro de Educação/UFSM

Telefone e endereço postal completo: (55) 996829476. Avenida Roraima, 1000, prédio 16, sala xx, 97105-970 - Santa Maria - RS.

Local de realização da pesquisa: Escolas do município de Agudo

Eu Angélica Regina Schmengler, responsável pela pesquisa Altas Habilidades/Superdotação: problematizações a respeito do número de matrículas no município de Agudo/RS, o(a) convidamos a participar como voluntário(a) deste nosso estudo.

Esta pesquisa pretende problematizar o Atendimento Educacional ao aluno com Altas Habilidades/Superdotação no município de Agudo a partir do mapeamento de matrículas na rede municipal e estadual de educação. Acreditamos que ela seja importante porque pode contribuir para divulgar as características desse alunado e o

seu direito por uma educação que atenda seus interesses, considerando que é possível que alguns professores desconheçam as características desses sujeitos e o trabalho pedagógico a ser desenvolvido com os mesmos.

Para sua realização será feito o contato, via e-mail, com as coordenadorias municipal e estadual de educação para verificar o número de matrículas de alunos com altas habilidades/superdotação e entrevistas semiestruturadas com os professores de Educação Especial de Agudo. Sua participação constará de uma entrevista semiestruturada no intuito de verificar seus conhecimentos e informações sobre a identificação e atendimento educacional de alunos com altas habilidades/superdotação.

É possível que você não se sinta à vontade para conversar a respeito de seu conhecimento e da organização do município a respeito da identificação e atendimento educacional desse alunado. O benefício que esperamos com o estudo é contribuir com a rede municipal e estadual de educação de Agudo com os conhecimentos sobre altas habilidades/superdotação para um olhar atento a esses alunos, possibilitando que esse alunado possa ser percebido e tenha garantido o seu direito ao atendimento educacional especializado.

Durante todo o período da pesquisa, você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, pode entrar em contato com algum dos pesquisadores do presente estudo.

Você tem garantido a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Fica, também, garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Autorização Eu, _____,
após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado(a), ficando claro que minha participação é

voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

Assinatura do(a) Educador(a) Especial(a)

Assinatura da Pesquisadora

Agudo, _____ de _____ de 2018.